

**Prática de Ensino Supervisionada Em Ensino
de Educação Musical no Ensino Básico**

CARLOS ANSELMO PINTO ALVES

*Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de
Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Educação
Musical no Ensino Básico*

Orientado por:
Maria Isabel Ribeiro de Castro

**Bragança,
Outubro de 2022**



ipb

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação

**Prática de Ensino Supervisionada Em Ensino
de Educação Musical no Ensino Básico**

CARLOS ANSELMO PINTO ALVES

*Relatório Final de Estágio Profissional apresentado à Escola Superior de
Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Educação
Musical no Ensino Básico*

Orientado por:
Maria Isabel Ribeiro de Castro

**Bragança,
Outubro de 2022**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e irmã, por sempre me apoiarem!

À minha companheira e ao meu filho!

Ao meu colega de estágio e todos os colegas que fizeram parte do meu caminho!

AGRADECIMENTOS

Para atingir os meus objetivos nesta fase final de estudos tenho a agradecer, um conjunto de memoráveis pessoas. Começo por me dirigir aos meus pilares de vida, meu Pai e Mãe. Por todo o esforço, confiança, sacrifício e fé depositado em mim, em que demonstraram ao longo da minha vida o maior dos exemplos.

À minha irmã, por me ter amparado em todas as dificuldades encontradas ao longo destes anos. Desde os meus primeiros passos em Bragança, tendo de ti, além do amor de irmã, tive uma amizade e confidencialidade. Obrigado por me teres feito acreditar nesse tempo, que iria algum dia vingar na vida da música.

Este parágrafo reservo inteiramente à minha família que se está a construir. Minha companheira da Vida, obrigado por todo o amor, mas sobretudo por me teres “empurrado” e levantado, todos os dias, para cima, quando estive prestes a desistir deste caminho. Tu Danny e o nosso pequeno rebento, fizeram dar sentido a esta caminhada. Obrigado!

Professora Maria Isabel Ribeiro de Castro, a minha orientadora, agradeço-lhe pela força e ajuda prestada. Sem a sua ajuda e incentivo não teria conseguido terminar este percurso.

Menção honrosa a todos os professores que tive na minha Licenciatura e Mestrado, cada um à sua maneira, marcaram-me ao longo deste processo.

À minha Professora Cooperante Maria de Lurdes, que prestou toda a sua experiência e solidariedade, fazendo da Prática de Ensino Supervisionada uma experiência marcante. Deixo ainda um agradecimento aos alunos com os quais trabalhei e que um dia possam abraçar a música com a mesma dedicação que lhes dediquei.

Ao meu colega de estágio e amigo Gil Alves, o teu papel foi preponderante, graças à tua cooperação e amizade.

Termino, sem deixar esquecer alguns dos meus colegas e amigos, que fizeram parte deste trajeto: Pedro Pereira, André Gomes, Paula Teixeira e Rogério Alves. Obrigado a todos, que de uma forma ou doutra acrescentaram alguma coisa a esta experiência e à minha vida.

RESUMO

O Presente Relatório de estágio explana uma narrativa sobre as minhas experiências de ensino-aprendizagem ocorridas na minha Prática de Ensino Supervisionada, no ano letivo de 2018/2019, no 2º ciclo do ensino básico, tendo sido parte integrante do curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino básico, na Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança. O mesmo, é composto por três capítulos: o primeiro é uma exposição do tema “Ser Professor”; o segundo uma breve caracterização do contexto educativo e por último, abordo o “Desenvolvimento e Avaliação da aprendizagem Profissional”, apresentando todos os aspetos importantes que contribuíram e sustentaram a realização da Prática de Ensino Supervisionada. O recurso à literatura científica e pedagógica permitiram enquadrar e sustentar as opções tomadas, quer na componente prática, quer na teórica. Por fim, apresento no último ponto do documento, de forma reflexiva, o resumo dos pontos principais que caracterizaram esta caminhada vivida na qualidade de Professor estagiário de Educação Musical.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; Educação Musical; Ensino-aprendizagem; Experiências.

ABSTRACT

This Internship Report explains a narrative about my teaching-learning experiences that took place in my Supervised Teaching Practice, in the 2018/2019 school year, in the 2nd cycle of basic education, having been an integral part of the master's course in Teaching Music Education in Basic Education, at Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança. It is composed of three chapters: the first is an exposition of the theme “Being a teacher”; the second a brief characterization of the educational context and finally, I address the “Development and Evaluation of Professional Learning”, presenting all the important aspects that contributed and sustained the realization of the Supervised Teaching Practice. The use of scientific and pedagogical literature made it possible to frame and support the options taken, both in the practical and theoretical components. Finally, I present in the last point of the document, in a reflective way, the summary of the main points that characterized this journey lived as a Trainee Teacher of Music Education.

Keywords: Supervised Teaching Practice; Musical; Music Education; Teaching-learning; Experiences.

SIGLAS E ACRÓNIMOS

AE – Aprendizagens Essenciais

AEC – Atividade de Enriquecimento Curricular

APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical

CIEB – Centro de Investigação em Educação Básica

CIPEM - Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação

EM – Educação Musical

IA – Investigação-Ação

INET-MD – Instituto de Etnomusicologia – Centros de estudos em Música e Dança

OS - *Orff-Schulwerk*

PES – Prática de Ensino Supervisionada

RAM – Região Autónoma da Madeira

ÍNDICE

Introdução	1
1. Ser Professor.....	3
1.1. Significado.....	3
1.2. Ser Professor de Educação Musical.....	6
1.2.1. Ensino da Música em Portugal, numa perspetiva histórica	8
2. Caracterização do contexto educativo	13
2.1 A escola.....	13
2.2 A turma	14
2.3 Os documentos organizadores do processo de ensino	15
3. Desenvolvimento e Avaliação da Aprendizagem Profissional.....	21
3.1. Enquadramento	21
3.1.1 Jos Wuytack	23
3.1.2 Carl Orff.....	25
3.1.2.1 Princípios Pedagógicos.....	26
3.2 Objetivos e Estratégias.....	28
3.2.1. Questionário Inicial.....	30
3.3. Abordagem metodológica da ação da prática letiva	35
3.4. Experiências de aprendizagem.....	41
4. Reflexão sobre as Competências Profissionais	45
Referências Bibliográficas.....	48
ANEXOS	51

Introdução

O presente documento de estágio tem por objetivo espelhar o processo final e término de um ciclo de estudos no Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação – nomeadamente o curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. O mesmo tem ainda como propósito apresentar, narrar, dissecar e refletir os pontos-chaves da minha experiência na Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo de 2018/2019, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, numa escola no norte do país.

O documento está dividido em três capítulos, com os respetivos subcapítulos. O primeiro capítulo: “Ser Professor”, tem o objetivo de esmiuçar a temática do ser professor de uma forma geral, e especificar no subcapítulo a vertente do ser professor de Educação Musical, contextualizando a Educação Musical em Portugal e a sua importância na vida do discente.

No capítulo dois: “Caracterização do Contexto Educativo”, tem como intenção contextualizar o espaço físico, material e das pessoas que dele fizeram parte, expondo os dados recolhidos na fase de observação da PES, relativos ao meio escolar e às turmas de 5.º e 6.º ano, alvo da minha ação. No mesmo, apresento os documentos organizadores do processo de ensino/aprendizagem, sendo importantes no planeamento e preparação do ano letivo.

O capítulo três: “Desenvolvimento e avaliação da aprendizagem profissional”, centrei-me em pedagogos e nas suas diferentes abordagens pedagógicas que foram a âncora teórica e prática durante a minha Prática de Ensino Supervisionada. Destaco no mesmo, a atividade construída, com a designação “Pompei”, que reflete a base do nosso projeto, construído ao longo do ano letivo.

Para finalizar, esboço uma breve síntese do documento, destacando os pontos positivos, e menos positivos e as questões que ficaram por resolver, tanto no relatório final como na própria experiência letiva enquanto professor estagiário.

1. Ser Professor

Neste primeiro capítulo vou, de forma objetiva, focar-me no que, em meu entender, são os principais pontos, no que concerne ao tema: “Ser Professor”. No seu primeiro ponto, explano várias diretrizes sobre o seu significado. Posteriormente, teço as suas principais características; E por fim, de modo geral, procuro ilustrar a realidade desta profissão que considero uma missão, mostrando a sua complexidade e a sua importância no percurso de vida e na definição/evolução do aluno enquanto “Ser Humano”.

O ponto 2.2, é dedicado à questão sobre o que é “Ser Professor de Educação Musical”, refletindo sobre a importância da sua disciplina: no currículo; nos alunos; na sociedade; nas vivências escolares e pessoais; no crescimento enquanto Ser Humano, a nível intelectual e na formação da sua personalidade;

Por fim, realço que, embora estes dois temas, sejam de complexa explanação e explicação, dada às diferentes opiniões e visões, procuro ser claro, apoiando-me nos pensamentos dos autores por mim eleitos, cruzando as suas concepções com as minhas convicções e opiniões, que procuram acrescentar a minha forma de observar esta temática.

1.1. Significado

Antes sequer de pensarmos no significado do que é ser professor, preferi iniciar, dando nota que esta profissão, tal como outras, têm sofrido uma constante evolução. Devido às inúmeras transformações no sistema educacional, “o papel do professor deve evoluir de mero executante, para o de profissional” (Ferreira, 2003:1). Ou seja, em vez de o docente se cingir somente no debitar de informação e conteúdos, que o respetivo programa curricular exige, ele tem, no meu entender, o dever de se preocupar com várias outras particularidades que esta profissão proporciona. De entre as quais destaco a atenção ao comportamento social do aluno, ao desenvolvimento cognitivo do mesmo, e um aspeto que entendo extremamente importante, que é o professor ter o dever de transmitir a imagem de exemplo para a comunidade estudantil. O professor para além de ser alguém que transmite informação e conhecimento, de uma determinada área, sustentada numa formação com ideais pedagógicos e didáticos, também deve ter um papel que “significa

tomar decisões pessoais e individuais constantes” (Ferreira, 2003:4), mas sempre sustentadas em bases pré estipuladas “por outros profissionais ou regulamentos institucionais” (Ferreira, 2003:4). O docente deve ser um ser com capacidade criativa e que enfrenta todos os dias uma série de tomadas de decisão, mas em boa parte do tempo direciona-se na procura de soluções para a resolução de problemas de forma a adequar-se com as normas estabelecidas exteriormente (Ferreira, 2003).

Para Jorge Carlos Felz Ferreira (Ferreira, 2003), o processo de ensino deve centrar-se numa sequência de ação-reflexão-ação. Ou seja, o professor deve colocar em prática os seus conhecimentos, para posteriormente refletir a sua eficiência, no contexto de sala de aula, autocriticando as suas ações de forma a procurar novas respostas às situações que forem acontecendo, estruturando, por fim, novas ou outras formas de atuação, caso seja pertinente e necessário. No meu entender, esta postura de constante reflexão na ação, pode ser importante na forma como cada aluno aprende e está envolvido no contexto escolar. Para o autor anteriormente referido, a ação educativa não pode ser sustentada somente a partir da experiência e do conhecimento científico. Sendo o percurso do docente uma constante aprendizagem, este ator da educação deve, ao longo da sua experiência, amadurecer a forma de transmitir o seu conhecimento, ajustando à realidade a sua conduta, à vida social, ao contexto da comunidade na qual está inserido, bem como a outros fatores que sejam importantes para a formação dos educandos e do docente. Para Sacristàn (Sacristán, 1995) o ensino deve ser encarado, tanto pelo professor como pelo aluno, como um “espaço” onde existem papéis distintos no ambiente escolar, respeitando o lugar de cada um, tendo o docente uma responsabilidade acrescida, dado que tem o “poder” de auxiliar e educar.

Neste debate e cruzamento de ideias sobre o “Professor”, também Albuquerque (Albuquerque, 2010), invoca algumas características de como deve ser o professor e destaca as seguintes: o mesmo deve ser dotado de um conhecimento específico; ser um profissional com boa qualidade de comunicação e linguagem cuidada, de forma a conseguir chegar a toda comunidade discente; possuir de um bom relacionamento entre professor-aluno; ter a capacidade de transmitir exigência, motivação e valores; ser cordial; procurar adquirir recursos didáticos; ser uma pessoa reflexiva e autocrítica; e por fim, ter ao alcance, ferramentas para que o processo de aprendizagem aconteça de forma mais eficiente possível. Acrescento ainda, que o docente deve ser, também, um elemento

importante na questão das relações humanas, sendo muitas vezes aquele que se aproxima “da família” e mesmo estabelecendo laços de comunicação entre todos. Por vezes, apresenta mesmo um papel no desenvolvimento emocional do aluno, e nas relações grupais ou individuais, transcendendo, desenvolvendo e potenciando as valências do aluno que por vezes não seriam alcançadas, nem desenvolvidas pelos membros parentais, pesa embora, estes climas afetivos escolares em nada se podem comparar ou substituir aos laços, vivências e partilhas dos valores familiares.

Os professores de hoje, de acordo com a súmula que retive da *Revista Lusófona de Educação*, vivem numa era de globalização, com novos desafios em que a educação é “um tesouro importante para o desempenho profissional” (Conceição & Sousa, 2012:82), face à exigência e enorme profissionalismo cada vez mais patente e solicitado. A mesma fonte cita que para “a autora Maria do Céu Roldão existe competência (ou competências) quando, perante uma situação, se é capaz de mobilizar adequadamente perante aquela situação (ou problema, ou questão, ou objeto cognitivo ou estético, etc.)” (Conceição & Sousa, 2012: 83). Já Philippe Perrenoud, sociólogo suíço, acrescenta que “a competência ao mesmo tempo que mobiliza a lembrança das experiências passadas, livra-se delas para sair da repetição, para inventar soluções originais, que respondem, na medida do possível, à singularidade da situação presente” (Perrenoud, 2000:31). E é neste contexto que o autor, na obra intitulada “*Dez novas competências para ensinar*”, enumera as dez grandes famílias ou competências gerais que o docente de hoje deve possuir e que aqui entendo ser importante recordar: 1) organizar e saber gerir situações de aprendizagem; 2) administrar a progressão de aprendizagens; 3) conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; 4) envolver os discentes no seu trabalho e aprendizagens; 5) privilegiar o trabalho em equipa; 6) Participar da administração da escola; 7) informar e envolver os pais; 8) utilizar as novas tecnologias; 9) enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; 10) administrar a sua própria formação contínua. É nesta linha de ação que penso que o professor de hoje, continua a valorizar aquilo que são as aprendizagens essenciais do aluno, mas numa visão mais atuante e em constante atualização do que constitui o ofício do docente. Julgo ser extremamente importante que para além de dominar os conteúdos da área/disciplina que leciona, o mesmo consiga ser criativo, apoiando-se nas novas ferramentas e tecnologias, onde apresente sequências didáticas, que facilitem a aprendizagem. Ressalvo ainda, a relevância da formação contínua, “no sentido de atualizar os recursos cognitivos exigidos pelas competências requeridas ao atual ofício de professor” (Conceição & Sousa, 2012:97). Por outro lado, mesmo

existindo uma evolução na estrutura escolar, caminhando no sentido de uma cooperação profissional, “o professor de hoje ainda não se envolve no trabalho em equipa” (Conceição & Sousa, 2012:97), de uma forma interdisciplinar e total que, em meu entender seria uma mais-valia na dinâmica do meio escolar.

Por fim, o Professor do séc. XXI, reconhece e possui um conjunto de valências e competências, que envolve as novas tecnologias, o saber, e o ser reflexivo, sendo esta última, uma enorme qualidade tanto a nível humano, como profissional. O docente tem a ânsia de se auto corrigir e melhorar todos os dias, na medida em que assume esta profissão com enormíssimo rigor, profissionalismo, ética, pois tem a perspetiva que este cargo é indispensável à formação do ser humano.

Não tendo a capacidade de adivinhação, creio que os desafios dos futuros professores, dos próximos séculos, são inúmeros, quer no que concerne às constantes alterações tecnológicas, quer no próprio “crer” ser professor em face do “desgaste” que a profissão “acusa”, nos dias de hoje; a acessibilidade à própria profissão tem sido desgastante para quem anseia um dia construir uma carreira, que se espera que nos próximos anos seja melhorado um pouco esse paradigma, com a subida da taxa de reforma no corpo docente, prevendo uma renovação muito gradual, mas mesmo assim, afetou e fez desacreditar e conseqüentemente desistir, muitos potenciais docentes enveredarem por esta área, mesmo aqueles com formação concluída.

1.2. Ser Professor de Educação Musical

Neste segundo ponto do capítulo tento, de forma objetiva, refletir sobre o papel do docente de Educação Musical. Entendo, no entanto, necessário iniciar pela exposição do conceito de Música. Creio que a definição deste termo não é consensual e existe mesmo algumas visões diferentes, sendo difícil uma explicação límpida, clara e objetiva, do que realmente é a “música”. Mas mesmo assim, na consulta de mais referências, através do site *Infopédia, Dicionários Porto Editora*, pode observar-se que em relação ao termo se refere que música, é “arte de combinar harmoniosamente vários sons frequentemente de acordo com regras definidas; qualquer composição; concerto vocal ou instrumental; conjunto de músicos; filarmónica, orquestra; conjunto de sons agradáveis, harmonia; cadências, ritmo” (Porto Editora, 2022).

Sendo a Música considerada uma arte, também comporta em si, uma “História” que a reporta a milhões de anos de existência em diferentes contextos, civilizações, culturas e, principalmente, lhe concede um papel vital na vida do ser humano, ao longo dos tempos. Entendo que, apesar dos possíveis conceitos sobre o que é a música, tem-lhe sido atribuído um papel de destaque e preponderância em várias fases da nossa história, na nossa cultura e na nossa sociedade.

Noutra perspectiva, a música como ensino/aprendizagem, quando a mesma acontece aliada às vivências do aluno, apresenta uma enorme probabilidade de sucesso escolar. Sendo a mesma uma arte, além de poder desenvolver o aluno artisticamente, compreende ainda a possibilidade de incrementar vários domínios do ser humano, como por exemplo a sensibilidade, a imaginação (criatividade), a percepção e absorção de conhecimentos de diversas culturas, fazendo com que o mesmo evolua noutras disciplinas do panorama educacional. No meu entender, o objetivo primordial da “música” e da Educação Musical (EM) em particular é proporcionar ao aluno a hipótese de desenvolver várias vertentes, como: alfabetização (conhecer outras formas de expressão e comunicação), a criatividade (já referida anteriormente), expressividade, coordenação motora, percepção e desenvolvimento sonoro, o raciocínio lógico, a socialização em pequenos e grandes grupos, por fim, a concentração. Nesta medida, é no meu entender imperativo que a música esteja no centro do desenvolvimento da criança, na medida em que a mesma pode proporcionar-lhe a oportunidade de se movimentar, socializar, criar laços socialmente, desenvolver a sua criatividade e explorar as suas emoções de forma silenciosa sem recorrer às palavras, mas sim através da dança, das canções e ritmos, ou seja através do seu corpo e o seu movimento.

Por fim, o objetivo de Professor de EM é desenvolver todos estes domínios através de uma educação atraente, motivante, cativante, criativa e inovadora, para que o aluno se centre e goste de estar nas aulas da disciplina de educação musical e sinta prazer e felicidade em todas as atividades e ensinamentos propostos. Mas para que seja possível esse estilo de docência é importante que o meio o permita, mas também que o próprio docente não se cinja ao seu próprio programa e não se “aprisione” somente em transmitir informação, permitindo que o discente possa expor o seu sentido crítico e fomentar espaço para a sua expressividade.

1.2.1. Ensino da Música em Portugal, numa perspetiva histórica

Parafraseando a autora Graça Mota, a Educação Musical em Portugal é uma “história plena de contradições” (Mota, 2014:1), devido ao seu “caminho sinuoso”, cheio de incertezas tal como se pode constatar através do seu percurso histórico.

Para a reflexão sobre este tema, vou apoiar-me no artigo de Graça Mota “*A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições*”, dado que entendo o que a mesma refere sobre a educação no nosso contexto português. Creio ser pertinente tecer algumas considerações, de forma sucinta, sobre a autora Graça Mota, antes mesmo de debater o tema em questão. Assim, apresento alguns dados de forma que se possa perceber porque a autora se evidencia como investigadora em educação e muito em especial, na educação musical. A sua formação como pianista levou-a à realização de concertos e a dedicar-se ao ensino. É doutorada em Psicologia da Música pela Universidade de Keele, Reino Unido. Foi professora Coordenadora do Departamento de Música da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico do Porto, onde esteve envolvida na formação de professores de Educação Musical durante mais de 25 anos. Na atualidade continua ligada à investigação (é membro integrado do Instituto de Etnomusicologia – centro de estudos em música e dança INET-MD), tendo inúmeras publicações científicas nacionais e internacionais que a destacam no mundo musical e profissional, dentro e fora de Portugal.

Como referi anteriormente, vou centrar a minha análise no documento indicado, no qual a autora apresenta distintos pontos sobre a educação musical em Portugal de entre os quais se destaca: 1) uma pequena e resumida perspetiva histórica; 2) o contexto curricular da música no Ensino Básico e Secundário; 3) o contexto atual do ensino superior de música; 4) por fim expressa umas considerações finais, explanando o seu ponto de vista e alguns aspetos de debate e reflexão.

Da análise do documento percebe-se que o primeiro local de Ensino da Música propriamente dito, foi criado por Almeida Garret, em 1835, na cidade de Lisboa, que primariamente foi denominada de Conservatório Real. A partir de 1878 é incluído o Canto Coral no Ensino generalista, mais propriamente no Ensino Primário. Contudo a Educação Musical existia apenas, de forma *simbólica*, ‘no papel’, devido à pouca importância dada pelos responsáveis educativos da altura. Era ensinado por professores sem formação especializada, sendo que os principais alvos eram a *mocidade portuguesa*. Após o fim da

ditadura, a realidade da Educação Musical passou por um pequeno crescendo graças à intervenção de educadores musicais próximos dos ideais didáticos de Orff, Willems, Dalcroze. Deste modo, o Canto Coral passa a ser substituído por um sistema que procurava suportar-se também na teoria, para que, de algum modo se compreendesse os aspetos associados à compreensão musical mais aprofundada. De destacar, o papel da Fundação Calouste Gulbenkian e da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), que organizava conferências, seminários e cursos breves de música. Com a queda da ditadura, começou-se a discutir o papel da educação em geral, numa sociedade que apresentava graves níveis de analfabetismo, na qual a música teria um importante papel a desempenhar para contrariar esta realidade. A título de exemplo destas alterações, surge a “canção de protesto”, que teve um papel determinante na sociedade de então, sendo cantada de norte a sul do país e espelhando, através das letras, as questões essenciais do quotidiano de uma nação. Após o processo de descolonização, Portugal absorveu toda a riqueza musical proveniente dos países em questão (estilos musicais, instrumentos e sonoridades). A canção de protesto (música de protesto) aparece num contexto específico na História de Portugal, nomeadamente associado à Revolução de 1974. Como é referido por Corte-Real a “«Canção de intervenção» é o conceito mais genericamente utilizado para denominar um dos campos da música popular portuguesa caracterizado pela utilização de «poesia e música de ação»” (Corte-Real, 1996:142), centrado na época acima apresentado. Na vanguarda deste conceito destaco dois nomes importantíssimos: Fernando Lopes Graça, o pioneiro, marcante no período até à Revolução, marcado por cantos e música de resistência subordinados à rígida censura oficial do regime; e José Afonso, relevante na Revolução de Abril e pós-Revolução. Por fim, a canção de intervenção associa-se não só especificamente ao golpe de estado na Revolução de 1974, mas em todo o processo do mesmo, iniciado nos anos 40, tendo como função, criticar dentro do possível o poder político existente na época.

No contexto curricular da música no Ensino Básico e Secundário, Graça Mota (Mota, 2014), explicita que foram implementados dois tipos de ensino de educação musical: um que integrava o currículo de estudos do ensino generalista; o outro institucionalizado num local de ensino que teve como objetivo produzir instrumentistas, compositores, e professores da área da música. De salientar, que os profissionais colocados no ensino generalista, na altura, não possuíam formação de pedagogia e didática. Só a partir de 1986 com aprovação da lei de 46/86- Lei de Bases do Sistema Educativo (14 de outubro de

1986), por parte da Assembleia da República, é que começou a existir formação superior, e que permitiu profissionalizar aqueles que pretendiam dedicar-se ao ensino da Educação Musical. Também as temáticas abordadas passaram a englobar as áreas de audição, interpretação e composição, bem como as experiências musicais de caráter mais prático dos alunos. Até 2006, a realidade do ensino da Educação Musical no 1º ciclo, apresentava bastantes lacunas, na medida em que, quem a lecionava era o professor generalista que não tinha formação adequada para este domínio. É, no entanto, a partir desta altura, que a EM passou a ser uma área extra curricular estando a sua docência entregue a professores especializados na área. Embora abrisse as portas na contratação de novos educadores musicais, não altera a tendência de que a música seja “vista” como uma atividade curricular “menor” e menos valorizada, até aos dias de hoje. Visão esta, na minha opinião que devia ser objeto de reflexão mais alargada e concreta.

Existe, no entanto, na Região Autónoma da Madeira (RAM) uma outra de forma de estar na e com a música que contrasta com o cenário no continente. Nesta região existe, já há mais de 30 anos, uma valorização da educação musical no 1º ciclo, com a contratação de professores especializados. No 2º ciclo, a EM aparece como uma área curricular, com o mesmo grau de importância das restantes disciplinas, tendo uma carga curricular compreendida até 3 horas semanais. É de lamentar a não continuidade no 3º ciclo (exceto na Região Autónoma da Madeira), no sistema educativo a nível nacional, que no caso, a sua implementação deve-se exclusivamente à direção da escola em questão, e se a mesma deliberar que se deve apostar numa colaboração interdisciplinar no campo das artes.

No campo do ensino especializado da música existem, atualmente, duas modalidades: os cursos artísticos especializados no domínio da música (conservatórios e academias); e os cursos profissionais (escolas profissionais/conservatórios). Os conservatórios vieram contribuir para a formação de instrumentistas e especialistas do ensino da música, colmatando uma enorme lacuna no nosso país, que se sentia noutras épocas, em que se contratavam músicos e professores estrangeiros.

No âmbito do ensino articulado (no ensino especializado da música), existe uma interação entre a escola básica e a escola onde se desenvolve o ensino especializado, com o objetivo de o aluno receber uma formação artística e geral, no mesmo ambiente escolar. No entanto, as tais interações só acontecem quando as direções de ambas as instituições reconhecem que este tipo de aprendizagem é o mais proveitoso.

A formação de instrumentistas, compositores e cantores ficaram ao encargo das Escolas Superiores de Música e das Universidade. A formação de docentes para o ensino de Educação Musical deve-se às Escolas Superiores de Educação. A partir de 1986, surgem as primeiras licenciaturas para a formação de professores de EM, na vertente do 2º e 3º ciclo. Esta situação permitiu a alteração e renovação no corpo docente, no sistema de educação. Com o aparecimento do sistema de Bolonha, a grande transformação reside na obrigatoriedade na obtenção do grau de mestre, que concede a profissionalização a quem pretende dedicar-se ao ensino da educação musical, no ensino básico.

Em qualquer das áreas da música, as licenciaturas são elaboradas com o objetivo de formar um profissional capaz de intervir em contextos formais e informais. A existência dos pré-requisitos para acesso às licenciaturas, pretende, de certa forma, filtrar os possíveis candidatos, para que os mesmos possam obter uma formação musical e habilitação profissional que os prepare para o ensino, na área da Educação Musical.

A prossecução de estudos e, conseqüentemente a realização do mestrado, é encarado como um ciclo de estudos que visa profissionalizar aqueles que concluíram a Licenciatura. Para este efeito, passaram a fazer parte do leque de formação, as áreas científicas estruturantes como: Ciências da Educação; Metodologia e Didática da Música; e Práticas Educativas Supervisionadas.

O Doutoramento, adquirido através de Universidades ou instituições que possuam parcerias/protocolos entre as mesmas e os Institutos Politécnicos, apresenta-se como um outro grau de qualificação, também no sentido de melhorar e facilitar o processo de investigação. Neste sentido, destaco alguns centros de investigação ligados à área da Educação Musical como por exemplo o Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação (CIPEM), sediado no Instituto Politécnico do Porto, tendo como Diretora a Graça Boal-Palheiros (por curiosidade Graça Mota foi quem esteve à frente deste Centro de investigação durante muitos anos e até à sua aposentação); o Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-MD), integrando a Universidade de Aveiro, a Universidade Nova de Lisboa, também a Escola Superior de Educação do Porto, o que permitiu a criação de um grupo de investigação sobre educação e música na comunidade; e por último CIEB (Centro de Investigação em Educação Básica), ligado ao Instituto Politécnico de Bragança, que tem como principal objetivo

dedicar-se à investigação aplicada às especificidades da educação básica, entendida como base fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento das sociedades.

Em jeito de reflexão, realço tendo por base a leitura do documento em análise, três pontos que me parecem importantes: o primeiro é a existência da Área Extracurricular (AEC) de Música que apareceu como uma excelente oferta de trabalho, mas que na realidade acabou por se tornar num processo pouco claro e inconstante; em segundo considero que existe uma fraca presença de EM nas escolas de hoje em dia, tanto no 1º ciclo como também no 2º ciclo, que no meu entender, tem que ver com a fraca perceção da importância da música como algo imprescindível para o desenvolvimento e crescimento de uma criança. Creio que, infelizmente, quer o poder central, quer outras instâncias, desvalorizam esta área como uma mera ferramenta de entretenimento ou de ocupações festivas; por último é imperativo, também, mudar a imagem e o estatuto de um professor de EM, para tornar a disciplina mais atrativa e conceber aos profissionais, o valor que devem possuir. Neste sentido, é crucial que possamos ter profissionais competentes para melhorar o dinamismo e a forma como a Educação Musical e o seu ensino, devem ter lugar. Acrescento ainda, que existiu sem dúvida uma evolução na disciplina EM, mas no meu entender, subsistem muitos outros aspetos que deviam ser melhorados. Nesta linha de pensamento, era crucial apelar à vontade política, para a continuidade do ensino da Educação Musical no 3º ciclo do ensino básico, e a existência da Expressão Musical no 1º Ciclo, não como área extracurricular, mas sim incluída como unidade curricular obrigatória. Entretanto e visto que tal não acontece, penso que seria importante reestruturar o programa de Educação Musical em todo o ensino básico, visto que não é revisto desde o ano de 1991.

Finalizo referindo que a análise do artigo, que serviu de suporte a esta construção textual, permitiu, de forma sucinta e clara, tecer algumas considerações sobre o panorama da Educação Musical no nosso país, contribuindo em muito, para o meu próprio crescimento e a minha formação enquanto Professor, bem como para o desenvolvimento deste documento/relatório de estágio.

2. Caracterização do contexto educativo

2.1 A escola

A minha prática de ensino supervisionado realizou-se entre os meses de outubro de 2018 e junho de 2019, numa escola de ensino básico na cidade do Norte de Portugal Continental, com duas turmas: uma do 5.º ano, e outra do 6.º ano de escolaridade, sendo a mesma dividida em duas fases: (1) Período de observação e (2) a responsabilização, que se realizou em plena cooperação com o meu par pedagógico.

A instituição, na qual realizei toda a minha prática de ensino supervisionado iniciou a sua atividade no ano letivo de 1986/87, como Escola de 3º ciclo (7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade) e secundária. Instalada numa zona histórica da cidade, sempre foi uma escola acolhedora de uma população escolar heterogénea, ou seja, alunos oriundos de agregados familiares letrados, de classe média-alta, e/ou, pertencentes a meios socioeconómicos desfavorecidos. Por fim, só muito recentemente foi enquadrada como Agrupamento de Escolas, englobando todo o ciclo de estudos obrigatório, ou seja, desde o pré-escolar até ao fim do secundário.

Relativamente ao espaço de trabalho onde concretizei quase toda a prática de ensino supervisionada, é oportuno referir que o mesmo se centrou num só espaço para a prática do ensino da música, munida de um quadro branco utilizado para a escrita em marcador, ou então, para a visualização de informações/vídeos, através de suporte multimédia; um quadro pautado e ainda um armário com a função de armazenar instrumental Orff. A sala, bastante ampla, permitiu a transformação da mesma em dois espaços distintos para a realização de atividades: um primeiro espaço, composto por mesas e cadeiras em forma de U, virados para o quadro; o outro espaço dividido por um pilar vertical, definindo um espaço amplo, que serviu para a realização de atividades de grande grupo, com caráter dinâmico e movimento. Este último aspeto foi crucial para que todo o trabalho realizado fosse possível de ser concretizado, fazendo com que tanto eu, como o meu par pedagógico pudessemos trabalhar em simultâneo, sem criar destabilização entre os grupos de alunos. O ponto menos favorável do espaço, era não possuir material sonoro, que considero importante para a realização das aulas de Educação Musical. No entanto conseguimos

minimizar esta situação através da permissão na utilização do auditório da escola que oferecia bom revestimento a nível acústico e se encontrava munido com um bom sistema de som. Era constituído, também, por um grande número de cadeiras envolvendo o espaço em forma de anfiteatro; uma excelente tela com o respetivo videoprojector e computador.

Todas estas condições, acima apresentadas, tal como, o bom relacionamento existente entre nós (par pedagógico), a nossa supervisora e a direção da escola, foram elementos para uma boa Prática de Ensino Supervisionada, de forma organizada e bastante competente, tendo resultado numa experiência que ultrapassou todas as expectativas.

2.2 A turma

A turma do **5.º ano**, por mim assumida, apresentava os tempos letivos às quartas-feiras, e compreendia 21 alunos, dos quais 9 elementos do sexo feminino e 12 elementos do sexo masculino, com idades entre os 9 e os 12 anos de idade. Das informações orais, veiculadas pela professora titular, pudemos perceber tratar-se de uma turma, onde não existiam grandes problemas que granjeassem ser sinalizados, quer no que concerne ao ambiente familiar, quer a outros de diferente natureza.

No entanto e, de uma forma geral, alguns alunos apresentavam algumas situações alusivas ao funcionamento das regras escolares, tais como: a falta de material; comportamentos por vezes inadequados à prática letiva e principalmente apresentavam carência a nível de conhecimentos musicais. Mas estes aspetos, em nada dificultaram o nosso trabalho, na medida em que, a vontade e a participação foi sendo gradual, o que permitiu que se transcendessem e mostrassem uma enorme qualidade de trabalho.

Relativamente à turma de **6.º ano**, com turno letivo às quintas-feiras, iniciou o ano com 21 alunos, mas no meio do 2º período foi incluído mais um aluno transferido de outra turma, perfazendo o total de 22 alunos: 11 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com uma média de idades de 11 anos. Dos 22 alunos referidos, 1 era de nacionalidade brasileira, outro de etnia cigana, sendo que este último, raramente esteve presente nas aulas; devo ressaltar que a razão pela qual o aluno foi transferido em meados do 2º

período, para a turma em questão, teve que ver com questões de *bullying*, de acordo com informações da titular da classe.

De referir, que a mesma turma apresentava três alunos com necessidades educativas especiais, usufruindo de adaptações curriculares. A grande parte dos alunos viviam na cidade, existindo quatro alunos que residam nas aldeias próximas. Por último, o agregado familiar no geral era constituído por uma estrutura com a figura do “pai” e da “mãe”, com a exceção de três crianças que só viviam com a mãe. Pelo que foi possível obter das informações transmitidas pela professora titular, as famílias não apresentavam grandes problemas sociais ou outros. De uma forma geral, a turma era bastante unida, com boa interação entre eles e mostravam bons princípios de comportamento e valores éticos. Numa fase inicial percebemos que apresentavam um enorme défice de conhecimento musical, no que concerne ao nível curricular exigível para a educação musical de 6º ano. Posto isto, tanto eu como o meu par pedagógico, recorremos a conceitos base da educação musical para que até ao fim do ano letivo, a mesma turma atingisse conhecimentos e aprendizagens de forma a alterar a situação inicial.

2.3 Os documentos organizadores do processo de ensino

Na atualidade, os protagonistas da sociedade escolar, enfrentam vastos desafios, que advêm da globalização e do desenvolvimento tecnológico em paralelo, e em constante evolução. Em minha opinião, a escola deve estar preparada a oferecer condições para que no futuro os jovens possam lidar com aparição de novos e diferentes caminhos para a empregabilidade e novas realidades tecnológicas. Para que isso seja possível, é imperativo que os governantes e, muito particularmente, os órgãos que gerem as questões sobre a educação, criem nas escolas uma certa autonomia, capaz de desenvolver metas e aprendizagens consoante a realidade do contexto sociocultural dos alunos e de cada região. Neste enquadramento, para fazer face a um conjunto de necessidades, nomeadamente sobre formas de melhorar o insucesso escolar em muitas áreas, existe o documento Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, que refere que é “fundamental que o currículo seja equacionado como um instrumento que as escolas podem gerir e desenvolver localmente de modo que todos os alunos alcancem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (República, 2018). O Decreto de lei n.º 55/2018, de 6 de julho foi elaborado pelo XXI Governo Constitucional, com a

finalidade de estabelecer uma política educativa, centrada na evolução da sociedade, garantindo a igualdade de oportunidade escolar, e promovendo o sucesso da mesma. Tem como principais princípios orientadores, os seguintes: a melhoria na qualidade do ensino; autonomia curricular às escolas; promoção da escola inclusiva; a oferta de um papel preponderante aos docentes no desenvolvimento do currículo; uma maior articulação entre os três ciclos; valorização do percurso do aluno; consciencialização por parte dos professores, para a natureza transdisciplinar de cada disciplina; valorização da nossa língua e cultura, e ao mesmo tempo, darmos enorme importância às línguas estrangeiras; valorização das artes, ciências, tecnologias, desporto, humanidades como estruturantes no currículo escolar; a promoção da educação para a cidadania; a importância do trabalho colaborativo e interdisciplinar; e por último, a avaliação como uma ferramenta importante ao serviço do ensino e das aprendizagens.

O próximo ponto, que entendo pertinente, com sendo parte integrante para a estrutura escolar, é a Matriz Curricular do 2º ciclo do Ensino básico. Com base no documento que abrange a Matriz Curricular (Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho), a carga horária de cada escola é gerida pela mesma, que tem a autonomia de redistribuir toda a carga letiva, imposta pela matriz curricular e pré-definida pelo Ministério. Isto porque, a mesma esclarece que, esta gestão justifica-se pela necessidade de encontrar respostas pedagógicas, de forma a adaptar-se ao contexto sociocultural educativo e com vista ao

Componentes de currículo (b)	Carga horária semanal (a)		
	(minutos)		
	5.º ano	6.º ano	Total de ciclo
Áreas disciplinares/Disciplinas			
Línguas e Estudos Sociais	525	525	1050
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Cidadania e Desenvolvimento			
Matemática e Ciências	350	350	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Artística e Tecnológica	325	325	650
Educação Visual			
Educação Tecnológica			
Educação Musical			
Tecnologias de Informação e Comunicação			
Educação Física	150	150	300
Educação Moral e Religiosa (c)	(c)	(c)	
Total	1350	1350	2700
Oferta Complementar.....	(d)	(d)	
Apoio ao Estado (e).....	100	100	200

Figura 1- Carga horária semanal (Anexo II, Decreto-Lei N.º 55/2018)

desenvolvimento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Contudo, é imperativo que as escolas garantam o cumprimento das cargas letivas impostas para cada disciplina. As cargas mínimas letivas, ilustradas na Figura 1, estabelecidas pelo Ministério, para a organização da carga horário semanal, são: na componente das línguas e estudos sociais, a escola é obrigada a implementar 525 minutos; na área das Matemáticas e Ciências, o mínimo a cumprir é de 350 minutos; no domínio da educação artística e tecnológica (Educação Visual,

Tecnológica, Musical e Tecnologias de Informação e Comunicação), o tempo mínimo é de 325 minutos; à educação física são atribuídos 150 minutos semanais; a disciplina de oferta obrigatória, mas de presença facultativa tem um mínimo de 45 minutos; a disciplina de oferta complementar e de frequência obrigatória, terá a carga horária conforme as horas de créditos restantes; as aulas de apoio ao aluno são objeto de decisão por parte da escola, tanto como a sua organização, o tempo e as regras; a disciplina de complementação à educação artística estará dependente da decisão da escola, assim como a sua organização, regras de frequência e horas, tendo por último, em conta os recursos humanos disponíveis.

Tal como já foi referido, o currículo em vigor, no sistema educativo, tem como principal objetivo garantir que todos os alunos atinjam as capacidades definidas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Despacho n.º 6478/2017, 2017). Para que tal aconteça, definiu-se os seguintes princípios: Todos os alunos devem ter acesso a um currículo, num quadro de igualdade de oportunidades; Uniformização e continuidade das aprendizagens; Eventualidade de reorganização no percurso escolar; Garantir que as ofertas complementares respeitem e desenvolvam mais apetências integradas no currículo, como forma a enriquecer o mesmo; Existência de momentos de apoio à aprendizagem do aluno; Oferta de componente de Cidadania e Desenvolvimento, tal como o acesso a diversos domínios da educação artística; Acesso à aprendizagem de tecnologias de informação e comunicação; Por fim, a existência de Atividades de Enriquecimento Curricular no ensino básico.

Com base no documento, “*Currículo do Ensino Básico e do Ensino Secundário para construção de Aprendizagens Essenciais, baseadas no Perfil dos alunos*”, elaborado por Maria do Céu Roldão, Helena Peralta e Isabel P. Martins e editado em Agosto de 2017, a designação de Aprendizagens Essenciais (AE), é o conjunto de elementos (conhecimentos, capacidades e atitudes), a ser desenvolvidos ao longo do percurso curricular, tendo como base o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. O Aluno deve adquirir conhecimento/saber, através de conteúdos disciplinarmente estruturados, articulados concetualmente, relevantes e significativos; deve também desenvolver os processos cognitivos para atingir esses conhecimentos; por último, mostrar que o aluno aprendeu as várias disciplinas, na sua especificidade e na interdisciplinaridade (Roldão, Peralta, & Martins, 2017).

As AE devem caracterizar-se pela riqueza e solidez dos conteúdos, também como, a riqueza dos processos cognitivos a desenvolver nos alunos para adquiriram esses conhecimentos. (Roldão, Peralta, & Martins, 2017)

Tendo por base o documento *Aprendizagens essenciais, 2º ciclo do Ensino Básico – Educação Musical* (República Portuguesa, 2018), os três Domínios/Organizadores comuns à Educação Artística, formam a base da estruturação das Aprendizagens Essenciais, nesta respetiva unidade curricular. Esses Domínios são os seguintes: Experimentação e Criação; Interpretação e Comunicação; Apropriação e Reflexão. No âmbito da Experimentação e Criação, o objetivo é o aluno improvisar peças musicais, envolvendo e experimentando vários elementos, como o timbre, a altura, a dinâmica, o ritmo, a forma e a textura, de forma a utilizar diversos recursos, como fontes sonoras convencionais e não convencionais, imagens, esculturas, textos, vídeos e gravações. Também importante, é que o discente tenha a oportunidade de compor peças musicais, manipulando os elementos musicais descritos em cima. Para isto acontecer, as ações estratégicas de ensino para o perfil dos alunos, tem que passar por promover atividades artístico-musicais, onde se consiga revelar conhecimentos, capacidades e atitudes; apostar nas experiências sonoras e musicais, de forma a estimular a apreciação da diversidade cultural e inculcar a reflexão crítica sobre tudo o que é realizado, para que o aluno desenvolva o seu poder argumentativo e lógico. Em relação à Interpretação e Comunicação, é importante que, o aluno fique capaz de cantar, tanto a solo como em grupo, a uma ou duas vozes; que sinta capacidade de tocar diversos instrumentos acústicos e eletrónicos, onde domine o ritmo e a dinâmica, com progressiva destreza e confiança. O aluno deve ter a capacidade de interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes. Deve também, permitir que o mesmo, publique na internet, as suas criações musicais, e por último, apresente publicamente os mesmos. Para que o discente desenvolva o ser criativo/crítico/analítico, é importante que: se promova a imaginação de soluções diversificadas para a criação de novos ambientes sonoros; exista o espaço para o pensamento crítico, na análise da sua produção musical e à do meio que o rodeia; manifeste a sua opinião em relação aos seus trabalhos e aos dos pares; e que exista o cruzamento de diferentes áreas do saber. Sobre o domínio de Apropriação e Reflexão, o aluno deve ficar capaz de comparar e identificar, as diversas características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças

musicais, que compõem a história da Música. Deve também dominar todo o vocabulário e simbologia, para descrever e comparar as mesmas. O discente deve adquirir o domínio da investigação das diversas interpretações escutadas e observadas, tanto em contexto de gravações, como também em prestações ao vivo, utilizando o vocabulário apropriado. Deve também, saber comparar criticamente os vários estilos e géneros musicais, e conseguir relacionar a sua experiência musical com outras áreas de conhecimento, através de atividades que potenciem a transversalidade do saber. Por último, o aluno, deve ser capaz de refletir criticamente a Música. (República Portuguesa, 2018)

De modo a finalizar este capítulo, e tendo por base o Programa de Educação Musical, falta-me abordar o respetivo, que é apresentado pela Direção-Geral da Educação, em dois volumes. O documento volume 1 diz-nos que “ a música constitui-se como disciplina que tem como um dos seus objetivos fundamentais o desenvolvimento do pensamento musical dos alunos, através da compreensão de conceitos musicais, os quais se adquirem a partir de elementos básicos” (Educação, 1991:214). Entre os objetivos gerais, destacam-se o domínio das atitudes e valores, o domínio das capacidades e o domínio dos conhecimentos.

A Estrutura curricular que se apresenta, na Figura 2, tem na sua organização vários

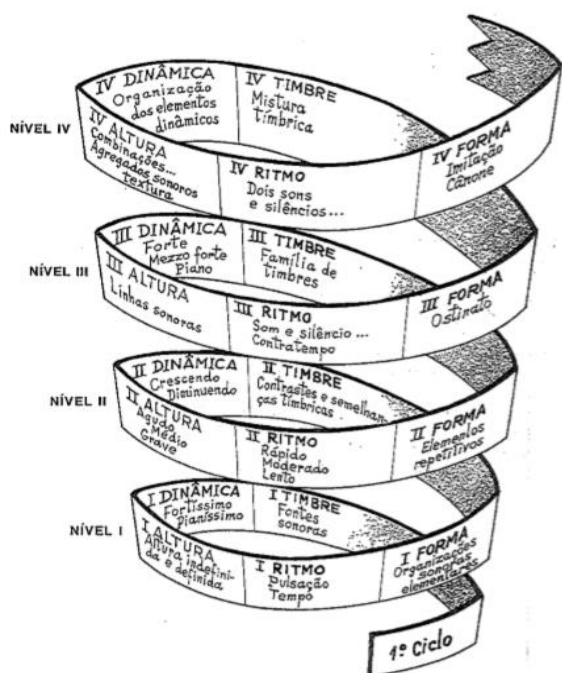


Figura 2 ESPIRAL DE CONCEITOS adaptada de Manhattanville Music Curriculum Program (Educação, 1991)

elementos básicos, estruturados e distribuídos em vários níveis. Tendo por base os princípios da teoria da estrutura de Jerome Bruner. O Programa, elaborado em espiral de conceitos pressupõe etapas de aprendizagem abertas e inter-relacionadas. As mesmas, deverão ser trabalhadas em três grandes áreas: Composição, Audição e Interpretação. Ao nível da Composição o professor, consoante o nível do aluno, relativamente à espiral, deverá criar momentos de improvisação/Criação que contemham conceitos trabalhados na área

(Timbre, Dinâmica, Altura, Ritmo e Forma). Este processo poderá ser desenvolvido individualmente ou em pares.

Relativamente à área da Audição, a mesma é imprescindível no âmbito da disciplina de EM, onde o professor tem como principal objetivo o desenvolvimento do aluno, na vertente auditiva, para que este mesmo, desenvolva a criação e a qualidade de interpretação. Para isso, o docente deve gravar as composições/interpretações em sala de aula e permitir ao aluno ouvi-las posteriormente e dar a hipótese de o mesmo, refletir e criticar, de forma a perceber a sua praxis. Para a última área, a Interpretação, é fundamental que o aluno desenvolva a capacidade de sentir prazer com a beleza da execução/obra (componente estética), a capacidade de gostar do que se executa (componente afetiva) e por último, a capacidade de interpretar música em grupo ou individualmente. A junção destas capacidades, presume-se que o discente adquire e domine os conceitos adjacentes à linguagem musical, e que também desenvolva destreza na interpretação da música não convencional. Por fim, a avaliação da disciplina é realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental, vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano. Este conceito de avaliação engloba os três grandes domínios, referidos anteriormente baseando-se por fim, na avaliação global das atitudes e valores, nas capacidades e conhecimentos do discente.

Em suma, estes documentos organizadores e orientadores são, para qualquer profissional da área, excelentes ferramentas de apoio que sustentam toda uma caminhada enquanto docente, tendo na minha opinião a necessidade de alguma atualização, principalmente no Programa de Educação Musical, na medida em que, a educação, a sociedade e a cultura estão em constante evolução, e o Ensino da Música não acompanha a mesma globalização e avanço.

3. Desenvolvimento e Avaliação da Aprendizagem Profissional

3.1. Enquadramento

O presente capítulo, tem como objetivo apresentar aspetos importantes que contribuíram e sustentaram toda a realização da PES. No mesmo vou expor diferentes visões sobre alguns pedagogos que fomentaram e fizeram parte da minha orientação, enquanto “estagiário” na função assumida por mim, enquanto “professor”. Deste modo faço menção da sua importância, não só no percurso escolar ao longo dos tempos, mas também, na construção de uma EM com várias dinâmicas e saberes.

Durante a PES, todas as experiências de ensino-aprendizagem tiveram como premissa a concordância entre mim e o meu par pedagógico, bem como a nossa docente Cooperante e Orientadora da Escola Superior de Educação de Bragança. Tudo se iniciou com o período de observação, que visou a recolha e análise de todas as práticas e técnicas vivenciadas nas aulas da Professora Cooperante. Num primeiro impacto, apercebi-me da realidade das turmas e das possíveis abordagens pedagógicas a adotar. Contudo, foi importante perceber, não só a realidade das turmas em geral, mas também compreender o comportamento individual de cada aluno em particular, de forma a preparar as técnicas e abordagens a adotar. Nesta fase da PES, tive o cuidado de me colocar na posição do aluno, de forma a entender certos comportamentos, para posteriormente realizar uma reflexão sobre questões do tipo: “Como os posso melhorar?”; “Que técnicas irei adotar?”; “Como os posso cativar e motivar?”. Estas mesmas, e a sua reflexão, tiveram como primordial objetivo fazer de mim um Professor assertivo e um Profissional/Homem melhor.

Um outro aspeto, relacionado com todo este percurso letivo, que na minha visão de ver é importante, teve a ver com a necessidade de me adaptar a esta nova realidade (Ser Professor), e um dos aspetos que me fomentou mais estranheza, logo no início, provavelmente fruto da minha imaturidade, foi que as aulas mostravam carência de “inovação”. Quando expressei a mesma, poderia substituir pela palavra “atualização”, na medida em que, as aulas apresentadas e observadas por mim, e conseqüentemente pelo meu par pedagógico, necessitavam, no nosso entender, de novas dinâmicas, tais como o movimento corporal, a criatividade, o trabalho em grupo e por fim, as vivências musicais. No íntimo, a minha intensão foi constatar o facto de que o Ensino da Música em Portugal,

no ensino básico, não sofre verdadeiras reestruturações e atualizações desde o ano de 1991. Nesse sentido, denoto que devido a todo o meu percurso formativo, adotei durante a realização do estágio dinâmicas e abordagens pedagógico-musical com base em Orff Schulwerk (OS).

Um dos aspetos que tentei adotar, sempre em consonância com o meu parceiro de estágio, teve que ver com a minha postura na forma de abordar a turma. A minha ideia passou por me aproximar mais de cada aluno, mas nunca chegar ao ponto de passar a barreira, que no meu entender deve existir de respeito. Observei com esta postura, mais empenho, entusiasmo e compromisso, por parte dos mesmos, a cada momento da aula, mesmo sendo uma vertente teórica ou prática. Na linha de pensamento de Lopes, refere que “(...) o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno” (2009:06) e, nessa medida, procurei fazer todo o percurso de estágio com o intuito de melhorar e estimular esta vertente, sendo a mesma, na minha opinião, muito importante. Para tal, e focado no crescimento e enriquecimento da PES, construímos um questionário inicial e individual, que nos permitiu conhecer os gostos, os objetivos e expectativas para com a disciplina de Educação Musical, de cada um dos discentes.

Por fim, estou convicto, que o aluno, nas pedagogias impostas hoje em dia nas sessões letivas, tem um papel pouco ativo, sendo ele na maioria das vezes, um mero recetor, indo no meu parecer, contra o que o próprio programa de EM defende: “fazer música é a questão mais importante. Teoria e informação são suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca poderão substituir-se ao envolvimento pessoal dos alunos com a Arte” (Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2.º Ciclo, Vol. I, 1991).

Deste modo, parti para a PES com a ideia de que a “reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar sobre o que e como mudar” (Libâneo, 2005:76), e como tal dei ênfase, nas lições letivas, à vivência musical, sendo essencial, na minha opinião, já que os discentes têm um percurso tão curto nesta disciplina. Para tal, tenho a convicção que o professor de EM devia-se centrar nas seguintes dinâmicas: exploração vocal, como ferramenta/instrumento primordial na criação e exploração da música; existir na prática dinâmicas que traz todo o tipo de movimento corporal; o reconhecimento de instrumentos de sala de aula, como

sendo essencial para a prática de atividades; por fim, o desenvolvimento e crescimento do aluno, através de trabalhos/atividades grupais.

3.1.1 Jos Wuytack

Início a minha exposição do tema, tendo a intenção de abordar pequenos períodos biográficos do autor.

Tendo por base o *lugar na internet* da **Associação Wuytack de Pedagogia Musical** (AWPM) posso referir que Jos Wuytack nasceu em Gent, na Bélgica, no dia 23 de março de 1935. A sua formação académica foi composta pelo estudo da Música, através da Composição, da formação de instrumento do Piano e Orgão, em Pedagogia educacional e por fim Teologia. No currículo demonstra que foi titular de Pedagogia Musical no Instituto Lemmes de Universidade de Lovina, na Bélgica, leccionou no Instituto Superior de Música de Namur (Bélgica), no Conservatório de Tilburg (Países Baixos), no Instituto Musical de Métodos Ativos, de Lyon e na Universidade de Los Angeles. A sua atividade na formação de Professores de Música destaca-se no contributo significativo para o desenvolvimento da EM. Em 1996, o pedagogo foi coroado com a medalha de ouro da Fundação Orff de Munique, pelo reconhecimento e mérito científico e pedagógico.

A sua pedagogia assenta no sistema Orff/Wuytack, aglomerando as ideias de Carl Orff, podendo-se afirmar que foi a continuação da pedagogia Musical da Orff-Shulwrk na atualidade (Boal Palheiros, 1988). Diferentemente de Carl Orff, que se focava mais na prática musical do que nas metodologias, Wuytack é muito claro e objetivo nas metodologias cimentadas. Para tal, enunciarei de seguida um conjunto de fundamentos educacionais, tendo como ponto de partida entender que toda a criança, independentemente do estágio de crescimento, pode ser incluída ativamente na exploração da prática musical, ou seja, a música deve ser acessível a todas as crianças (Mateiro & Ilari, 2021).

Jos (Wuytack, 2005) defende que a música deve ser vivida de maneira ativa, criativa e em comunidade, em que o professor não pode ser um mero transmissor de conhecimentos, mas saber orientar os seus discentes, permitindo aos mesmos desfrutarem com alegria, fazendo música em grupo, em contexto educativo.

Tal como Carl Orff, Wuytack defende o conceito de **música elementar** (*abordado no capítulo seguinte*), em que o ensino da Música deve se aliar em três conceitos-chave; o

verbal, musical e corporal, ligando-se logicamente ao movimento, dança e palavra (Mateiro & Ilari, 2021).

Posto isto, acrescento que o sistema metodológico do autor é constituído pelos seguintes princípios: a atividade, sendo esta a chave para a experiência musical; a criatividade da criança, importante para o desenvolvimento da sua imaginação; a comunidade, em que Wuytack pretende que todas as crianças sejam envolvidas sem exceção na produção musical, tendo como premissa o ensino para todos; a totalidade é fundamental na apresentação de uma canção, ou seja, é preponderante o discente apresentar aos alunos todos elementos (como a melodia, a letra e o acompanhamento) na mesma sessão letiva, mas de forma separada e gradual; por último, o pedagogo pretende que as ideias de Schulwerk sejam adaptadas às circunstâncias do meio escolar onde são aplicadas (Mateiro & Ilari, 2021). Para além destes princípios enumerados anteriormente, ainda se desta a emoção, o equilíbrio entre o corpo e a mente, o movimento e o canto, tendo a voz um papel preponderante em todas as sessões letivas, na medida em que se apresenta como uma “ferramenta” primordial e essencial de qualquer professor e aluno.

Por fim, sendo este o pedagogo, aquele que considero como suporte para a realização da minha PES, apresento duas propostas pedagógicas, que têm por base a linha orientadora do mesmo. A primeira é aprender música fazendo música. Através desta ideia, o aluno adquire uma compreensão musical mais aprofundada, a partir da prática exercida nas atividades musicais. Ou seja, a ideia é o aluno ouvir primeiro, observar e só no fim executar, permitindo ao aluno desenvolver a sua concentração e consciência, levando a uma aprendizagem mais eficaz. Outra das metodologias essenciais foi o ensino por Imitação. A mesma apresenta eficiência na hora da aprendizagem rítmica e melódica, sobretudo quando se tem crianças sem qualquer tipo de formação musical, possibilitando aos mesmos o desenvolvimento/crescimento na observação, atenção e concentração, possibilitando por fim, a igualdade de oportunidade e tornando acessível a recessão do conhecimento musical.

3.1.2 Carl Orff

Tendo por sustentáculo as abordagens de Orff (Mateiro & Ilari, Capítulo 4: Carl Orff. Um compositor em cena, 2012), devo salientar que foi compositor alemão, tendo iniciado a sua formação aos cinco anos, nos seguintes instrumentos: piano, órgão e violoncelo. Nasceu a 10 de Julho de 1845, na cidade de Munique, na Alemanha. Toda a sua família era ligada à área da Música, principalmente os seus pais, que tocavam peças a quatro mãos e aos domingos interpretavam música de câmara (Mateiro & Ilari, 2012). As suas referências musicais foram “Hector Berlioz, Anton Bruckner, Richard Strauss, Gustav Mahler, Claude Debussy, as combinações de som e ruído, a enarmonia dos futuristas e a proposta atonal de Arnold Schomberg” (Thomas, 1994:9-22).

A partir de 1911 compôs os seus primeiros 50 lieder, posteriormente ao término do ensino médio da altura, foi trabalhar na *Academia derem Tonkunst de Munich*. Em 1915 foi diretor da Orquestra do Teatro Münchner Kammerspiele e três anos mais tarde em Mannheim y Darmstadt. Por volta de 1920 casa-se com a solista Alice Solcher e no ano seguinte nasce a sua filha. Sob a orientação do pedagogo Carl Orff, Dorothee Günther fundam a Güntherschule, em 1924, uma escola que tinha como currículo o ensino da ginástica rítmica e dança. O seu interesse pela música antiga levou a que o mesmo arranjasse algumas obras de Monteverdi, como Orpheus e Klage der Ariadne e lançasse em 1925, porém a publicação final das mesmas foi feita em 1940 (Fernández & Tamaro, 2004).

O seu verdadeiro reconhecimento como compositor foi devidamente verificado através do lançamento da sua Canatata *Carmina Burana*, em 1937, baseado num manuscrito medieval de um mosteiro da Baviera. Nas suas criações dramáticas, Orff, não só aposta na música como combina com a mesma, elementos textuais e cênicos de tal forma, que as suas obras são descritas como o grande teatro do mundo (Fernández & Tamaro, 2004). Em síntese, a sua ação ligada à Pedagogia Educacional Musical, notabilizou-se ao criar uma pedagogia musical inovadora para o ensino de crianças e leigos, através da valorização das linhas melódicas e rítmicas, que ficou conhecido como método Orff-Shulwerk (Ferrão, 2011).

3.1.2.1 Princípios Pedagógicos

Toda a abordagem OS favoreceu, em muito, a ideia que mais se enquadrava como o meu plano para a disciplina de EM, que se baseou na Vivência Musical, através do “corpo humano enquanto fonte natural de criação, expressão e vivência artística” (Cunha, Carvalho, & Maschat, 2015:43). A premissa foi sempre a união entre a expressão vocal, corporal e instrumental, de forma que a música esteja ao alcance de todo o ser humano, tendo este formação ou não.

No livro *Abordagem Orff-Schulwerk* (2015), tendo por base as suas premissas defende-se que: “é na idade escolar que a imaginação deve ser estimulada” (...) (Orff, 1978:245-246). E ainda: “Tudo o que uma criança desta idade vivência, tudo o que nela seja estimulado e cultivado, é factor determinante para o resto da sua vida...” (Ibidem). Nessa medida, (Maschat, 1999) apresenta no mesmo livro acima assinalado (Cunha, Carvalho, & Maschat, 2015), de forma resumida, os seguintes princípios pedagógicos defendidos por OS:

- Orff enfatiza o trabalho prático e a vivência musical;
- O discente (participante) deve sentir, desfrutar, participar e vivência de forma a desenvolver alguns aspetos cognitivos e afetivos;
- O corpo humano é o primeiro e principal instrumento, tal como, a voz, na forma do canto, sendo a mesma uma forma de desenvolvimento da própria linguagem falada;
- O autor teve o mérito da redescoberta dos instrumentos de altura indefinida (como a percussão), as lâminas (xilofones e metalofones) e a flauta de bisel, que chamamos de instrumental Orff. Têm como particularidade serem extremamente acessíveis tecnicamente, proporcionando experiências rítmicas, melódicas e harmónicas a toda humanidade;
- Com o intuito de desenvolver os sentidos, incutiu-se o movimento corporal, a experimentação, a criação de jogos no âmbito educativo, de forma que o participante expresse as suas ações através do corpo;
- A experimentação, improvisação e criação visam enriquecer a personalidade e o desenvolvimento das capacidades estético-artísticas e afetivas. O ter de sentir, pensar, agir e/ou comunicar implica o desenvolvimento de aspetos físicos, sensoriais, intelectuais e sociais.

- Na Abordagem OS a música, linguagem e movimento estão interligados na medida em que as atividades como cantar, falar, dançar, e jogar apresentam-se como atividades interligadas. Esta mesma relação favorece a motivação, compreensão, expressão e a vivência emocional.

Por fim, um aspecto diferenciador, no meu ponto de vista, tem que ver com que todas as formas apresentadas devem criar um vínculo entre o participante e o meio envolvente. Seguindo a linha de abordagem de João Cunha (Cunha, 2005), a partir do esquema que se apresenta de seguida, posso a referir, de forma resumida e esquematizada a definição da Abordagem OS que se centra na inter-relação permanente de *Music, Movement and Creativity*.

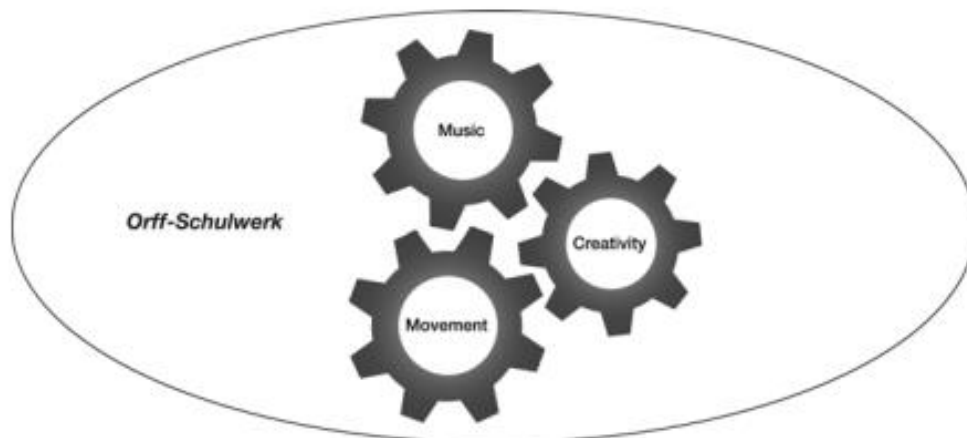


Figura 3 - Possível definição esquemática da OS (Cunha, 2005:63)

3.2 Objetivos e Estratégias

Quando me propus à realização da PES, tive como princípio refletir e estruturar quais os objetivos primordiais e estratégias a utilizar em contexto de aula, de forma a conseguir o melhor de cada aluno e assim rentabilizar melhor cada sessão letiva. Desta maneira, as aulas foram decorrendo e, à medida que ia avançando, também os momentos de experimentação, de improvisações, e diferentes dinâmicas iam acontecendo, sem que as mesmas fossem planeadas. No entanto, o objetivo concreto, a que me propus, numa fase inicial, foi a de ir ao encontro dos alunos, perceber o grupo e cada criança, de forma individual, no sentido de os estimular e cativar o mais possível para gostarem de música. Para o efeito e, no sentido de se perceber o nível de “gosto” pela área da música, bem como perspetivar os objetivos a delinear para a disciplina de Educação Musical foi realizado um questionário, que exponho no ponto seguinte cujas questões centrais tinham que ver com o aferir das preferências e gostos dos alunos.

Neste sentido e, de um modo geral, os objetivos gerais para a minha PES centraram-se nos alunos no sentido de:

- Vivenciar a música em contexto de aula;
- Construir um reportório direcionado ao gosto de cada um;
- Estimular os valores, com o constante contacto aos instrumentos de sala de aula;
- Utilização da voz como uma ferramenta primordial nas aulas de EM;
- Fomentar o espírito crítico;
- Desenvolver a criatividade.

Relativamente à abordagem metodológica que utilizei, a mesma é referida no ponto 3.3. Entendo que a ação pedagógica, decorrente da intervenção na sala de aula, deve ser algo cíclica e flexível, de forma a podermos resolver as eventuais situações e problemas que por vezes acontecessem, dado que uma “escola” é um organismo vivo e em constante mutação. Esta postura, permitiu que, ao longo da PES fosse adaptando e alterando a minha postura na sala de aula. A título de exemplo, posso referir que, numa fase inicial, o meu vocabulário não era muito “adaptado” aos discentes. No entanto, através de uma conduta de adaptação constante aos alunos e aos problemas que iam aparecendo, a minha experiência se foi construindo, procurando sempre melhorar, de aula para aula. Em suma, percebi que os níveis de confiança, adaptação do discurso, postura e outras situações, foram melhorando ao longo das aulas e de forma recíproca.

Foi também igualmente importante durante uma primeira fase do estágio, perceber as lacunas de cada turma, tanto a nível intelectual, bem como a nível de comportamento. Devido a essa situação, eu e o meu par pedagógico, tivemos de encontrar soluções e adaptar estratégias, o mais possível capazes de potenciar e fomentar o seu gosto pela disciplina, nos alunos. A verdade é que tanto o 5º ano, como o 6º ano apresentavam níveis de conhecimento abaixo do que era exigido para a fase escolar pretendida. Juntamente com esta situação, pudemos observar um enorme desinteresse e desânimo pela disciplina. Para respondermos a estas “fragilidades”, construámos sessões que envolveram o grande e o pequeno grupo; o tocar de instrumentos de sala de aula; e a utilização de movimentos corporais em vários momentos de atividades.

Em suma, para atingirmos esses objetivos foi importante sermos flexíveis, criativos, e adotarmos estratégias diferentes de turma para turma, nunca esquecendo que o aluno, sendo um ser reflexivo e crítico, nos ajudou em muito, nas decisões relativas às atividades e o seu próprio planeamento.

3.2.1. Questionário Inicial

Como referido anteriormente este ponto refere-se à apresentação de um questionário (Anexo 1: questionário.....) para aferir questões que nos levassem a um conhecimento maior das turmas. O período de observação levou-nos à necessidade de perceber alguns aspetos sobre os alunos, nomeadamente os seus gostos musicais, no sentido de delinear estratégias e atividades, de forma a construir ambientes o mais possível interessantes, onde os alunos se pudessem envolver. Ou seja, espaços físicos e mentais nos quais os alunos ocupassem papéis principais no planeamento dos processos a serem desenvolvidos nas atividades. Esta situação foi transversal às duas turmas e o questionário foi apresentado e realizado de forma anónima. As questões foram realizadas de forma “aberta”, permitindo diferentes respostas. Posteriormente foi analisado, através da configuração de gráficos, com uma breve explicação dos seus resultados.

Após a aplicação do questionário, procurei interpretar as respostas, de forma a ser possível uma análise o mais correta com os dados.

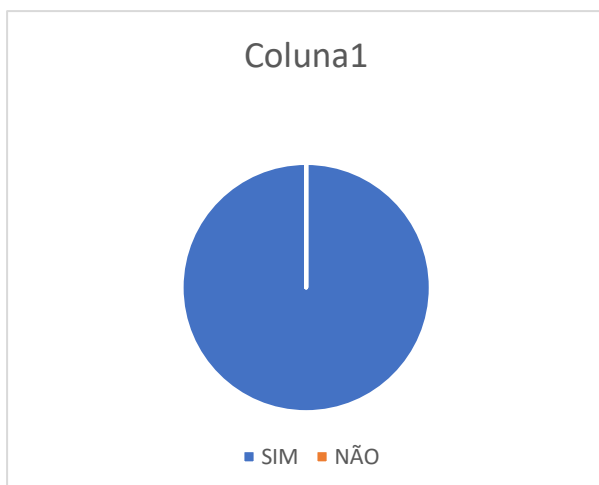
De entre os resultados surgiram respostas nulas, que advém de duas razões: a primeira prende-se com a ausência de resposta; a segunda deve-se à falta de coerência, relativamente à pergunta.

A turma A, corresponde à turma de 5º ano com 21 alunos; A turma B, está relacionado com a turma de 6º ano, com o total de 20 alunos.

A seguir, exponho uma breve interpretação/análise dos dados, em função das respostas:

Relativamente à **turma A (5º ano)** obtive os seguintes resultados:

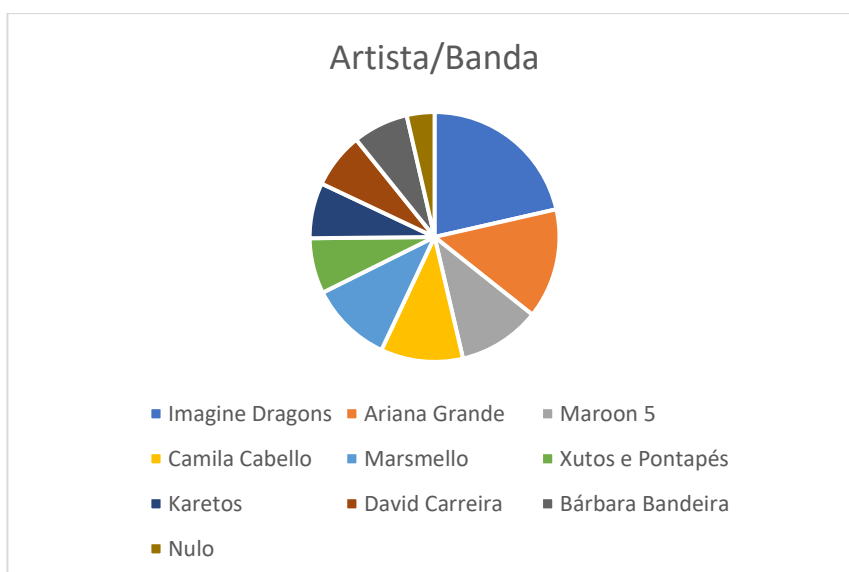
1º Pergunta: “Gostas de ouvir música?”



2º Pergunta: “Que tipo/género de música ouves?”



3º Pergunta: “Qual é o teu artista ou banda favorita?”



Notas:

- A escolha entre artistas e Bandas foi equilibrada, dividindo a percentagem das escolhas.
- O estilo de banda/artista em destaque foi o POP, com 61% das escolhas.

4º Pergunta: “O que gostavas de criar nas aulas de Educação Musical?”



5º Pergunta: “Que atividades gostavas que acontecessem nas aulas de EM?”



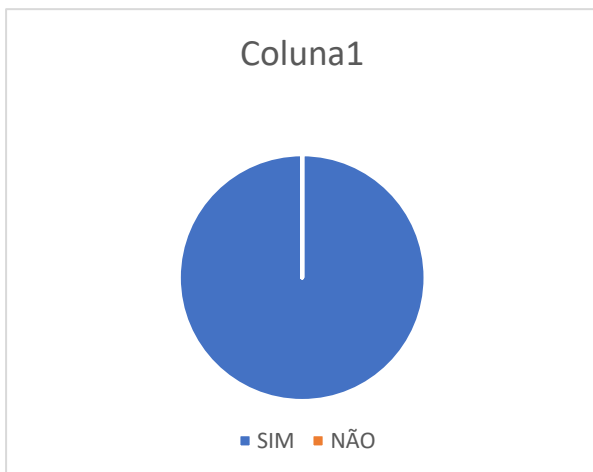
Posteriormente a estes resultados e, da leitura dos mesmos, destaco a unânimidade gerado pelo o gosto da música. Percebe-se a variedade de preferências musicais nesta turma, o que dificultou ao professor encontrar e preparar atividades de interpretação musical, que fossem ao encontro de todos. Mas esse desafio, foi apresentado à turma e, de uma forma geral, existiu uma resposta positiva por parte da mesma.

Por fim, é de realçar a ansia de criar e trabalhar atividades dinâmicas grupais, como o tocar instrumentos, cantar e dançar (movimento corporal). Este último aspeto foi o meu

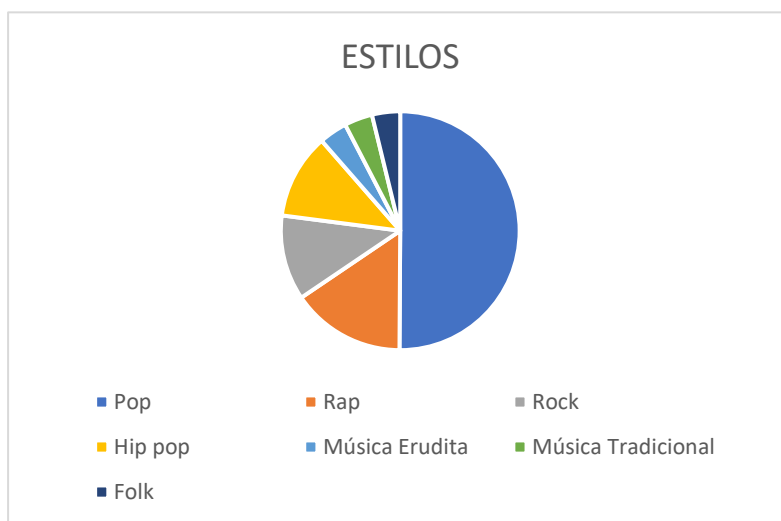
ponto de partida para a planificação das atividades que são destacadas no sub-capítulo a seguir.

Relativamente à **Turma B (6º ano)** obtive os seguintes resultados:

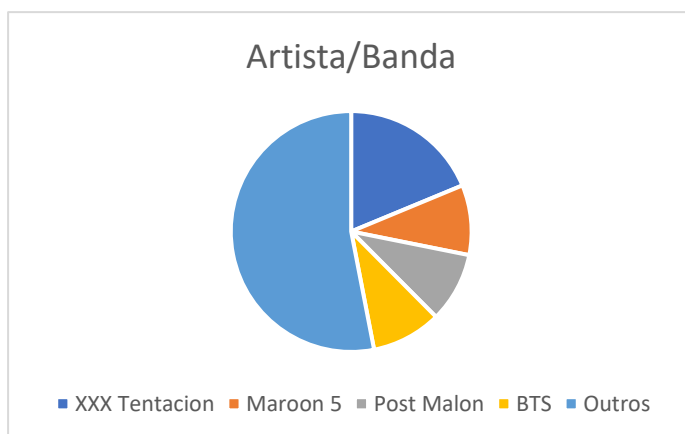
1º Pergunta: “Gostas de ouvir música?”



2º Pergunta: “Que tipo/género de música ouves?”



3º Pergunta: “Qual é o teu artista ou banda favorita?”



Notas:

- A resposta “Outros”, corresponde a artista/banda que só obteve escolha por parte de 1 aluno, com a taxa percentual de 3% aproximadamente, com um total de 17 respostas diferentes, dando o resultado igual a 53%, aproximadamente.
- A escolha de artistas teve mais aderência do que a de bandas, que recaiu para 59,4 % das escolhas, enquanto as bandas foram nomeadas por 40,6% das respostas.
- Destaco que os estilos mais escolhidos entres as escolhas foram o Rap, com 37,5% e o Pop com 34,4%.

4º Pergunta: “O que gostavas de Criar nas aulas de Educação Musical?”



5º Pergunta: “Que atividades gostavas que acontecessem nas aulas de EM?”



Nomeadamente aos resultados da turma B (6º ano), mostra os mesmos aspetos principais realçados pela turma A, tendo só maior tendência pelo o gosto do estilo Pop. Novamente têm preferência pelos trabalhos em grupo, e esse aspeto contribuiu para que eu e o meu par pedagógico, produzissemos arranjos de músicas Pop, não só na turma B, mas também na A, ao gosto da maioria da turma, e vivênciar com eles, em contexto de aula, a criação de um grande grupo/banda, com varios domínios subjacentes, como a utilização de instrumental Orff, o canto e o movimento corporal.

Em suma, os questionários apresentaram-se enquanto uma ferramenta de auto conhecimento e permitiram ainda consolidar o “fazer musical” para cada turma.

3.3. Abordagem metodológica da ação da prática letiva

Desde o início da preparação da PES, tentei perceber qual seria a melhor abordagem a utilizar, de modo a ir ao encontro das minhas expectativas e das turmas. Não bastava ser um professor reflexivo, que agia e posteriormente refletia sobre as ações tomadas. Para tal, tive a necessidade de tomar a posição de procurar, investigar e esmiuçar formas de resolução para certas problemáticas que iam aparecendo, procurando dinamismos adequados para cada classe. Deste modo recaí para uma forma de trabalhar e “olhar” o espaço da sala de aula, que se direcionou para a Investigação-Ação (IA), que tem vindo a despertar adesão e interesse desde os anos noventa do século passado. A primeira nota que retive ao consultar bibliografia sobre esta temática, foi que não existe consenso relativo à sua definição e muito menos da sua criação.

Segundo Coutinho et al., (2009), a IA pode ser referida como uma família de aglomerados métodos de investigação, onde incluem simultaneamente ação-investigação e/ou mudança-compreensão. É baseado num processo cíclico ou espiral, variando entre ação e reflexão crítica, que posteriormente são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita através da experiência obtida nos ciclos anteriores. Na essência, o importante é que o docente, através das práticas, faça uma exploração reflexiva, para ajudar não só a ultrapassar as problemáticas, mas também para melhorar a sua planificação e desenvolvimento das suas práticas.

Para o mesmo autor (Coutinho et al., 2009), a IA é uma metodologia de pesquisa que se orienta pela necessidade de resolver problemas reais e baseados nalgumas características essenciais, sustentando-se em diversos autores:

- *Participativa e colaborativa* - implica todos os participantes no processo, de forma a resolver problemas práticos e na melhoria da realidade (Zuber-SKerritt,1992).
- *Cíclica* - a investigação abrange uma espiral de ciclos, onde as descobertas possibilitam a mudança, que são desenvolvidas e avaliadas com admissão no ciclo seguinte (Cortesão,1998).
- *Prática interventiva* – não se limita ao campo teórico; descreve a realidade e intervém nessa mesma (Coutinho, 2005).
- *Crítica* – a comunidade crítica de participantes não se preocupa em apenas melhorar as práticas do trabalho, mas também atuam como agentes de mudança, mudando o seu ambiente dentro das restrições sociopolíticas dadas (Zuber-Skerritt, 1992).
- *Auto-avaliativa* – as modificações são continuamente avaliadas, numa perspetiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.

Segundo Latorre (Latorre, fevereiro 2003), no campo da Educação pode afirmar-se que o desenvolvimento profissional está muito dependente de três fatores interligados entre si (Ação-Investigação-Formação), construindo uma tríade de dimensões representativas de todo o processo reflexivo.



Figura 4 – Triângulo de Lewin (Latorre, fevereiro 2003, p. 24).

Para Coutinho et al. (2009), pode-se considerar que a IA tem como objetivos compreender, melhorar e reformular práticas; intervir no funcionamento de entidades reais, apresentando uma análise detalhada dos efeitos da mesma intervenção. Neste

sentido e segundo o mesmo autor (Coutinho et al., 2009), as metas da IA no desenvolvimento social e profissional são:

- a) Melhorar e/ou transformar a prática social e/ou educativa, ao mesmo tempo que procuramos uma melhor compreensão da referida prática;
- b) Árticular de modo permanente a investigação, a ação e a formação;
- c) Aproximarmo-nos da mudança, veiculando a mudança e o conhecimento.
- d) Fazer dos Educadores portagonistas da Ação.

No fundo a IA trouxe à investigação em ciências da educação alguns benefícios, tais como: uma nova forma de investigar e a combinação de métodos qualitativos e quantitativos.

Segundo Coutinho et al. (2009), na IA observamos um conjunto de procedimentos em movimento circular (figura 5), dando um novo ciclo que vai desencadear novas espirais de experiências de ação reflexiva.

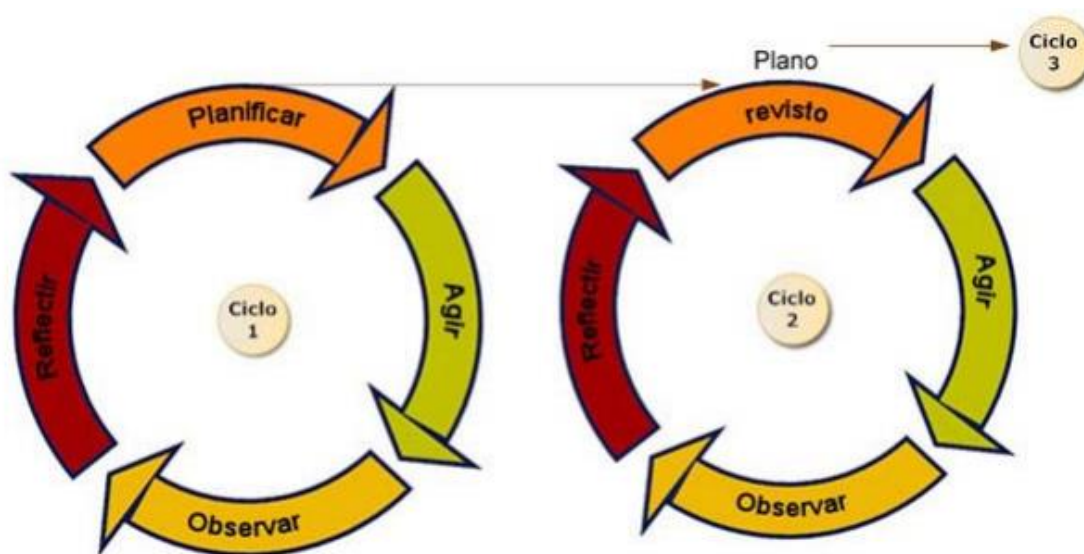


Figura 5 – Espiral de ciclos da IA (Coutinho et al., 2009, pág. 366).

Esse conjunto de fases resume-se na sequência seguinte: planificação, ação, observação (avaliação) e reflexão (teorização). A mesma, está patente no modelo de Kemmis, que se baseia em duas vertentes: estratégica e organizativa. Na primeira, a ação e reflexão são apresentadas como sendo pontos-chave, enquanto que a segunda reflete os aspetos da planificação e da observação, interagindo estes fatores de forma constante de modo a

contribuïrem para a resolução de problemas e para compreensão das praticas educativas. Contudo, dentro da metodologia IA, existem varios modelos, o de Kemmis (figura 6), o de Elliott e o de Whitehead, mas os mesmo tem como base o conceito em espiral de ciclos.

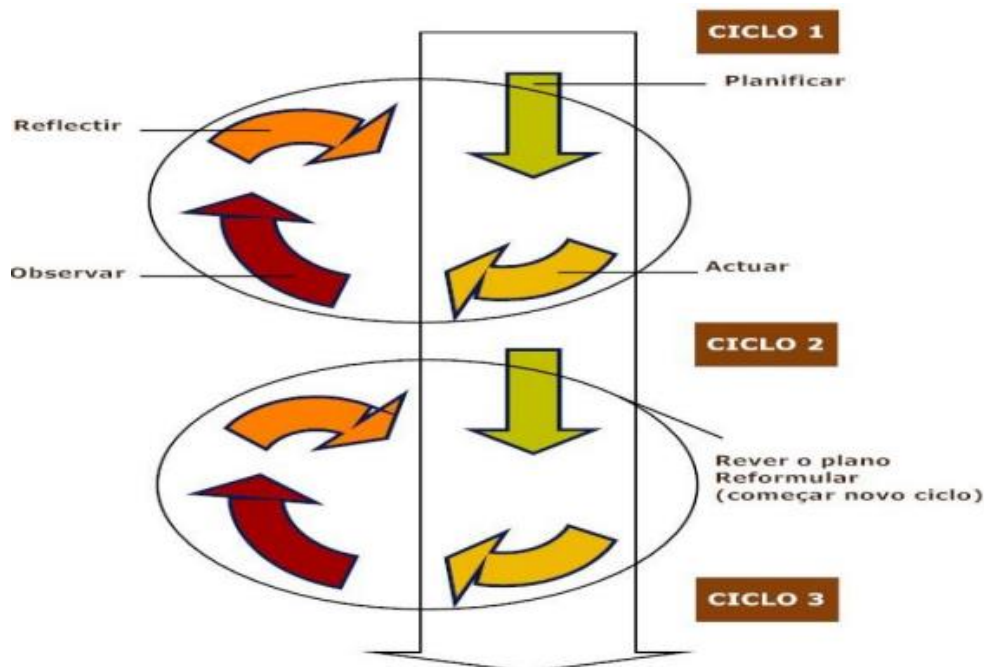


Figura 6 - Os momentos da IA (Kemmis, 1989). In Coutinho et al. (2009: 369).

Neste modelo de Kemmis esta presente o movimento espiralado, como foi patente anteriormente, que explica as quatro fases deste processo de Investigação, do seguinte modo:

- O desenvolvimento de um plano de ao tem como base numa informação crítica e tem como intenco alterar uma determinada situação;
- Existe a importância de se estabelecer um consenso para poer em andamento o mesmo plano;
- A observação dos efeitos da ação deve ser feita com a devida contextualização;
- A reflexão desses resultados, devem servir como ponto de partida para a nova planificação e dar início a uma nova sequência de ciclo de espirais.

Para a realização do meu trabalho segundo uma metodologia de IA, e necessário existirem formas para a recolha de informação. Para tal, existem técnicas e instrumentos de recolha

de dados que Antonio Latorre (La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa., fevereiro 2003) divide em três categorias:

- Técnicas baseadas na observação;
- Técnicas baseadas na conversação;
- Análise de documentos.

As **técnicas baseadas na observação** (Coutinho et al.,2009), prendem-se nas seguintes:

-**Observação participante** (uma estratégia utilizada pelos Professores/Investigadores, que consiste na participação do investigador no fenómeno, fazendo uma observação direta para o compreender de forma profunda);

- **Notas de campo** (utilizado, por exemplo, na fase de observação da PES, em que o investigador pretende estudar as práticas educativas no seu contexto sociocultural);

- **Memorandos analíticos;**

- **Escalas de medidor** (são instrumentos que permitem determinar as diferenças de grau e intensidade face a uma situação).

As **técnicas baseadas na conversação** (Coutinho et al., 2009), são as seguintes:

a) Os **questionários**, como instrumento mais utilizado na área das ciências sociais. Tem como objetivo obter informação básica ou avaliar o efeito de uma intervenção quando não é possível fazê-lo de outra forma.

b) A **entrevista**, como complemento à observação, em que permite recolher dados sobre acontecimentos e aspetos subjetivos das pessoas;

c) Os **grupos de discussão**, que serve sobretudo para colmatarem os espaços vazios deixados pela entrevista individual.

Por fim a análise de documentos segundo Coutinho (et al., 2009) baseia-se:

a) Nos documentos oficiais, tais como: artigos de jornais, registos públicos, legislação, horários, atas de reuniões, planificações, registos de avaliação, manuais, etc.

b) Nos documentos pessoais, em que se dividem em documentos naturais e em documentos sugeridos pelo investigador, em que neste caso o Professor pede ao discente que escreva sobre as suas experiências/vivências pessoais, como por exemplo o diário do docente e do aluno.

Resumindo, Coutinho (et al., 2009: 373) apresenta no quadro abaixo (figura 7), as técnicas e instrumentos apresentados ao longo do documento, acrescentando os meios

audiovisuais, como meio muito utilizado pelos professores e que se destinam a registrar informação selecionada previamente.

INSTRUMENTOS (lápis e papel)	ESTRATÉGIAS (interactivas)	MEIOS AUDIO-VISUAIS
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Testes ✓ Escalas ✓ Questionários ✓ Observação sistemática 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Entrevista ✓ Observação participante ✓ Análise documental 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vídeo ✓ Fotografia ✓ Gravação áudio ✓ Diapositivos

Figura 7 - Técnicas e Instrumentos de Investigação-Ação. (In Coutinho et. Al, 2009: 373)

Em jeito de conclusão deste ponto, apreendo que é através da ação e da reflexão da mesma, que o professor pode atingir os seus objetivos e iluminar a sua consciência, através do elemento preponderante que é a autocrítica. Na medida em que, é através da mesma que o investigador melhora as suas práticas educativas e enriquece o seu processo através da proximidade com o educando. A utilização de alguns aspetos que se referem ao agir da IA, impeliu, em muito, amadurecer toda a planificação ao longo do ano, ultrapassando com isso certas problemáticas, mas nunca descorei da necessidade de no fim de cada sessão avaliar/refletir todas as ações realizadas e voltar a iniciar, posteriormente, um novo ciclo.

3.4. Experiências de aprendizagem

Neste último ponto do capítulo três, vou tentar descrever da melhor forma, os pontos-chave de toda a experiência vivida na PES, salientando as atividades que mais demonstraram todo o trabalho desenvolvido durante este percurso. Destaco a importância do trabalho em equipa, demonstrado por mim e pelo meu colega de estágio, sendo o ponto fulcral para o sucesso do planeamento e realização das atividades. Todas as planificações, criadas por mim, foram sempre assentes na base do Programa Nacional de Educação e nos princípios dos pedagogos anteriormente referidos e esmiuçados. Por fim, é importante dizer, que existiu uma enorme parceria, entre mim e o meu par pedagógico. Isso implicou com que interviéssemos constantemente em todas as sessões letivas de forma ordeira, planeada e organizada, para o melhor funcionamento das atividades, e como consequência conseguimos dar mais atenção a todos os elementos da turma, refletindo-se posteriormente, na qualidade das intervenções e interpretações musicais. Todavia a Prática letiva durante a PES, foi assente primordialmente em certos princípios, sobretudo na abordagem pedagógica de OS, como será comprovado a seguir, através da explanação dos pequenos projetos.

Antes de partir para a exploração das atividades, realço que se cimentou *a priori* os objetivos fulcrais das mesmas, de forma o aluno aproveitar ao máximo a experiência que é a EM. Os objetivos que destaco são os seguintes: a) vivenciar a música, através da audição ou interpretação; b) exploração vocal e instrumental (através de instrumentos de altura definida e/ou indefinida); d) movimento corporal; e) fomentar o trabalho grupal, com o objetivo de desenvolver o espírito crítico e inculcar a responsabilidade.

3.4.1. “Pompei”

O projeto “Pompei” foi idealizado, numa fase inicial, no espaço da nossa casa, na medida em que, foi nesse mesmo local discutido, entre mim e o meu colega, todas as linhas orientadoras e as suas finalidades. Ambos procurávamos, uma atividade que englobasse todas as vontades e desejos de maior parte dos alunos, expostos no questionário inicial. Nessa medida, demo-nos conta que a maioria da turma tinha como vontade a criação de uma banda escolar com os seus colegas de turma. Para tal, a nossa decisão recaiu em potenciar uma vivência idêntica, em contexto de sala de aula, de modo a proporcionar uma experiência única, que certamente marcaria os seus percursos escolares.

O primeiro passo, foi proporcionar à turma a responsabilidade de escolher, de forma democrática, através da votação, a música a ser desenvolvida para dar início à atividade. Como papel preponderante, a turma, escolheu de entre as opções previamente selecionadas por mim e pelo meu colega, dentro do estilo musical Pop. Posteriormente a essa votação, chegou-se à conclusão que a música escolhida seria “Pompei”, criada e interpretada pela Banda Britânica, *Bastille*.

O segundo passo a ser tomado por nós, foi realizar a adaptação e arranjo da canção, de forma a ser possível a interpretação, por parte da turma, da mesma em contexto de sala de aula. Nessa medida, decidimos incorporar no arranjo a seguinte distribuição instrumental: 1) grupo de flautas; 2) grupo de xilofones (alto e baixo) e metalofones; 3) percussão: pandeireta e clavas; 4) guitarra acústica (interpretada por um dos estagiários). Foi então que na sessão letiva seguinte, de forma democrática também, demos início à distribuição das funções, e a respetiva explicação. Realço, que a distribuição foi feita para 4 grandes grupos (1º- grupo das flautas; 2º- grupos dos xilofones e metalofones; 3ª- grupo da percussão; 4º- grupo de vozes e dança), em que cada um tinha o seu representante, com a missão de assegurar a boa organização do trabalho do mesmo. Para a mesma distribuição dos discentes, decidimos sortear, com a intenção de trazer justiça na sua escolha. Porém, permitimos a liberdade de existirem algumas exceções, ocorrendo uma ou outra troca de grupos, de forma a proporcionar um maior conforto e motivação para a realização do projeto. Passado a fase organizativa, no dia 30 de janeiro de 2019, demos verdadeiramente início à exploração e preparação do tema, com a audição da canção. O passo seguinte foi trabalhar com toda a turma a letra da mesma, tanto a nível métrico como também na dicção. O objetivo da exploração da mesma, com toda a turma, teve como propósito dar conhecimento a todos os elementos da composição da canção, de

forma a se inteirarem dela por completo. Após a compreensão da música, por parte de toda a turma, distribuímos as devidas funções aos alunos e aos representantes de cada grupo, de forma a incutir nos mesmos, responsabilidade pela gestão e organização, liderança e o pensamento crítico, mas nunca descorando a nossa presença e supervisão. Outra nota importante no desenrolar dos ensaios, foi na rotatividade que imprimimos entre mim e o meu par pedagógico, na supervisão dos grupos. Ora eu ficava, por exemplo, com o grupo das flautas e vozes/dança numa aula, como na seguinte trocávamos. Na minha opinião este aspeto foi muito positivo e preponderante para o sucesso da atividade, na medida em que, a mesma rotatividade trouxe novas experiências e ideias a cada grupo, que não seria possível se não existisse esta mesma partilha.

Relativamente a aspetos mais técnicos da exploração da peça, destaco a forma possível de estudo das partituras com os alunos representantes nos grupos das flautas, xilofones e metalofones. Devido à pouca formação musical patente nesta turma, tivemos que recorrer a outros métodos para que cada aluno conseguisse interpretar na íntegra, o arranjo realizado em partitura. Como grande parte, ou mesmo todos, não tinham conhecimento para ler de forma fluida a escrita musical, tivemos a necessidade de recorrer a formas de imitação, em que o aluno observava e ouvia o que o professor tocava, e de seguida o discente tentava imitar o mesmo, através do respetivo instrumento. Porém, para que tal acontecesse seria importante que o aluno trabalhasse a sua concentração e memória. Relativamente ao grupo das vozes/dança, a maior dificuldade foi trabalhar a dinâmica vocal e a sua expressividade. De forma a melhorar o rendimento dos alunos, e para que cada um percebesse a intenção que gostaríamos que fosse dada na interpretação da canção, convidamos os discentes a realizar exercícios vocais e exercícios de expressividade corporal. No mesmo grupo, constituído maioritariamente por meninas, deram aso à criação da sua própria coreografia, aliando paços de dança com gestos representativos à letra. No entanto, a nossa maior dificuldade, foi tentar trabalhar com estes quatro grupos ao mesmo tempo, em contexto de sala de aula. Para tal, tivemos a necessidade de recrutar um novo espaço que nos desse a amplitude e a privacidade necessária, para trabalhar com cada um, e esse espaço foi o auditório da escola, gentilmente cedido pela direção da mesma.

Decorrida toda a preparação, este projeto teve como intenção ser apresentado à escola no dia 22 de maio de 2019, incluído nas festividades da semana cultural escolar. A apresentação formal aconteceu na sala dos professores, tendo todo o leque de docentes pertencentes à comunidade escolar como público. Os discentes exibiram-se sentados no

chão, exceto o grupo das vozes/dança, em forma de círculo, divididos pelos grupos adjacentes, estando no meio deles, eu e o meu colega, de forma orientá-los na melhor forma. Por último, tenho de destacar a forma brilhante que toda a turma apresentou no seu comportamento no dia da apresentação. A forma calma, tranquila, confiante e alegre mostrada pelos mesmos, foram características que levaram ao sucesso desta mesma. Por fim, todo este projeto, teve como premissa conceder ao aluno a oportunidade de vivenciar a música, tendo o mesmo, um papel preponderante e de destaque. Destaco, por último, que todos os objetivos, por mim definidos, foram alcançados com sucesso, na medida em que o aluno, acima de tudo, pôde vivenciar boas experiências, através da música.

4. Reflexão sobre as Competências Profissionais

Neste presente capítulo o objetivo é expor, de forma reflexiva, todos os pontos importantes do desenvolvimento das minhas competências adquiridas durante este percurso acadêmico e toda evolução evidenciada enquanto docente na minha PES.

A minha chegada ao curso de licenciatura nunca tive em mente evoluir nos meus estudos para o mestrado no Ensino da Música no Ensino Básico. Porquê? Pois não tinha em mente a capacidade para ensinar, tão pouco música. Na medida em que, ingressei na Licenciatura sem qualquer tipo de formação musical. Mas com o passar dos anos, e com toda bagagem adquirida no mesmo, tive o impulso e convicção em aceitar mais este desafio. Chegada a altura da minha PES, deparei-me com um conjunto de questões: qual seria a melhor postura enquanto docente? Como teria que ser a minha relação com os discentes? O que fazer em cada sessão letiva? Principalmente, como motivar cada aluno de forma a terem uma experiência prazerosa ao longo do ano letivo. Para responder a todos estas questões, sustentei-me para além de toda a informação pedagógica apreendida ao longo do curso, na minha experiência como aluno e bebendo de toda a experiência dos profissionais envolventes neste processo, nomeadamente a minha professora orientadora, a minha professora cooperante e a experiência vinda dos meus pais (ambos profissionais do ensino).

Focando as atenções para a minha PES, posso referir que existiu um plano prévio para a elaboração do calendário de atividades das sessões letivas, mas a verdade é que o mesmo foi sendo (re)construído e adaptado ao longo das sessões. Primeiro necessitávamos de conhecer a composição das turmas e a sua realidade, e foi muito importante nessa fase as aulas de observação. Posteriormente à mesma, através do questionário inicial concluímos que o nosso projeto teria de passar pela vivência musical no contexto de sala de aula, através da construção de um reportório musical que envolvesse várias temáticas. Foi neste período que comecei primeiro por recolher toda a informação para a construção do primeiro capítulo deste relatório: “Caracterização do contexto educativo”. O mesmo mapeamento permitiu elucidar o meio escolar, os seus recursos, os locais que poderíamos utilizar para a criação e desenrolar de todas as atividades, e por fim, reconhecer as dificuldades existentes em ambas as turmas.

Ao longo do estágio foi pedido a construção de um caderno de campo, que relatasse todas as incidências ocorridas em todas as sessões, tendo sido fulcral para a orientação do próprio estágio e fazer lembrar todos passos na altura da construção deste mesmo

documento, permitindo que nenhuma informação fosse perdida ao longo deste tempo. A verdade, é que foi graças ao registo escrito, que contribuiu para que este documento – Relatório da PES – pudesse acontecer, dado que muitos dos elementos registados no caderno de campo foram importantes e permitiram recordar acontecimentos do ano letivo de 2018/2019.

O segundo capítulo, intitulado de “Ser professor”, apresentou-se como o meu primeiro grande desafio e grande barreira encontrada no mesmo. Na medida em que, o tema sendo ele tão abrangente, tão complexo e porém, não tendo uma definição consensual, tornou difícil optar por uma linha que achasse a mais coerente. Juntando ao mesmo, o “Ser Professor de Educação Musical”, foi uma tarefa arduamente difícil. Neste mesmo subtema, para além de me preocupar na definição em si, tive a intenção de explicar um pouco da história da Educação Musical em Portugal, não podendo deixar de fora o impacto que teve o cancionário de protesto tanto a nível educacional, mas no movimento de revolução do 25 de Abril.

O terceiro capítulo, foi o último a ser construído, onde tento retratar as abordagens utilizadas no estágio e dando uma perspetiva histórica aos seus pedagogos. No mesmo, coloquei como exemplo de atividade o “Pompei”, que retrata na íntegra todo o processo, uma série de valências, estratégias pedagógicas de aprendizagem e o ideal de como é, no meu ponto de vista, vivenciar a música no contexto de sala de aula.

Assim, mais realço que, de modo algum posso deixar de salientar, é que todo este percurso tem que ser demonstrado como um caminho a dois. Ou seja, o impacto e a importância que foi trabalhar em equipa com o meu colega de estágio, permitiu desenvolver estas atividades e as suas sessões teóricas, de uma forma tão fluída e prazerosa, fazendo acreditar que seria muito interessante, no futuro, existir uma revolução no campo do corpo docente, agrupando dois professores para lecionar Educação Musical, por turma. Na medida em que, na minha ótica, pode-se fazer um acompanhamento mais individualizado e eficaz a cada aluno e proporciona, no meu ponto de vista, uma melhor organização das sessões, proporcionando aulas mais dinâmicas e com maior rapidez de aprendizagem.

Por fim destaco que foi um percurso muito atribulado, mas sem dúvida marcante. Peso embora, acabo sem conseguir responder de forma eficaz e objetiva, qual a melhor forma para leccionar e quais as ferramentas certas a utilizar. Mas uma coisa evidenciada, saiu um aluno melhor, futuro professor melhor e uma pessoa melhor. Apreendo que existem diversos estilos, formas, caminhos e ferramentas a utilizar, que nos podem alicerçar a nossa carreira de docente com discernimento da realidade, mas focado numa educação

como formação não só de futuras mentes brilhantes, mas sobretudo na criação de um ser humano mais completo, com princípios e valores.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, C. (dezembro de 2010). Millenium, Journal of Education, Technologies, and Health, nº 39. *Processo Ensino-Aprendizagem: Características do Professor Eficaz*, pp. 55-71.
- Boal Palheiros, G. (1988). Jos Wuytack: 30 anos ao serviço da pedagogia musical. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 5-7.
- Capítulo 10: Jos Wuytack. A Pedagogia musical Ativa. (2021). Em T. Mateiro, & B. Ilari, *Pedagogias em Educação Musical* (1º Edição ed., pp. 305-325). Curitiba: Intersaberes.
- Capítulo 4: Carl Orff. Um compositor em cena. (2012). Em T. Mateiro, & B. Ilari, *Pedagogias m Educação Musical* (1º Edição ed., pp. 131-137). Curitiba: Intersaberes.
- Conceição & Sousa, C. &. (12 de Agosto de 2012). Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências. pp. 81-98.
- Corte-Real, M. d. (1996). Revista Portuguesa de Musicologia. *Sons de Abril: estilos musicais e movimentos de intervenção político-cultural na Revolução de 1974*, pp. 141-171.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. R. (Dezembro de 2009). *Investigação-acção : metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, pág. 355-379. Obtido de RepositóriUM: <http://hdl.handle.net/1822/10148>
- Cunha, J. (2005). *Orff-Schulwerk em Portugal: Realidade ou Utopia na Formação de Professores de Educação Musical*. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Educação Musical). Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Cunha, J., Carvalho, S., & Maschat, V. (2015). Capítulo II: Orff-Schulwerk. Princípios Pedagógicos. Em J. Cunha, S. Carvalho, & V. Maschat, *Abordagem Orff-Schulwerk. História, Filosofia e Princípios Pedagógicos*. (1º Edição ed., pp. 43-46). Aveiro: UA Editora.
- Despacho n.º 6478/2017. (26 de julho de 2017). *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, pp. 1-33.
- Editora, P. (Ed.). (31 de 01 de 2003-2022). *música in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Obtido em 31 de 01 de 2022, de Infopédia, Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/música>
- Educação, D.-G. d. (1991). Programa de Educação Musical Vol. 1. *Principios organizadores do 2.º ciclo*, p. 214.

- Educação, M. d. (1991). Obtido de Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2.o Ciclo, Vol. I:
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_em_programa_2c_i.pdf
- Fernández, T., & Tamaro, E. (2004). «*Biografía de Carl Orff*». Obtido de Biografias y Vidas: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/o/orff.htm> [fecha de acceso: 21 de octubre de 2021]
- Ferrão, N. S. (07 de 10 de 2011). *CARL ORFF (1895-1982) - UM GENIAL E POLÉMICO COMPOSITOR ALEMÃO NEORROMÂNTICO E PEDAGOGO MUSICAL INOVADOR*. Obtido em 20 de 10 de 2021, de cronicas do professor ferrao: <https://cronicasdoprofessorferrao.blogs.sapo.pt/33366.html>
- Ferreira, J. C. (2003). Reflexões sobre o ser professor: a construção de um Professor Intelectual. pp. 1-7.
- Freire, V. L. (Novembro de 1994). Revista Música. *A História da Música em Questão: Uma Reflexão Metodológica**, pp. 152-170.
- Maschat, V. (1999). Las ideas pedagógicas en el Orff-Schulwerk. España: Orff.
- Mota, G. (novembro de 2014). Debates | Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, n.13. *A educação musical em Portugal - uma história plena de contradições*, pp. 41-50.
- Orff, C. (1978). The Schulwerk, Vol. 3: Carl Orff/Documentation, His Life and Works. New York: Schott Music Corp.
- Perrenoud, P. (2000). Em P. Perrenoud, *Dez novas competências para ensinar* (p. 31). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Pessoas, Graça Mota*. (2018). Obtido de INET - MD Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em música e dança:
<http://www.inetmd.pt/index.php/pessoas/integrados/19-maria-da-graca-parente-figueiredo-da-mota>
- República Portuguesa, E. (Julho de 2018). Aprendizagens essenciais. *2º Ciclo do Ensino Básico - Educação Musical*, pp. 1-10.
- República, D. d. (6 de julho de 2018). Diário da República, 1.ª série _ N.º 129 _ 6 de julho de 2018. *Decreto-Lei n.º 55/2018*, pp. 2928-2943.
- Roldão, M. d., Peralta, H., & Martins, I. P. (Agosto de 2017). Currículo do Ensino Básico e do Ensino Secundário para construção de Aprendizagens Essenciais, baseadas no Perfil dos alunos., (pp. 3-12). Lisboa.
- Sacristán, J. G. (1995). Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. Em A. N. (ORG.), *Profissão Professor* (pp. 63-92). Porto: Porto Editora.
- THOMAS, W. (1994). Carl Orff. In: GASSNER, Hannelore. Carl Orff: Documentos fotográficos do período 1978-1981 [...]. Munique: Buchendorfer Verlag.

Wuytack, J. (2005). Curso de Pedagogia Musica: 3º grau. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 2005.

ANEXOS

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MIGUEL TORGA - BRAGANÇA

EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO

Questionário informativo da turma, em relação à Música e à disciplina de Educação Musical no ensino básico (5º e 6º ano)

Gostas de ouvir música?

Sim

Não

Que tipo/género de música ouves?

Qual é o teu artista ou banda favorita?

O que gostavas de criar nas aulas de educação musical?

Que atividades gostavas que acontecessem nas aulas de educação musical?

Obrigado pela colaboração!



5.º Ano

PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 5.º A	Data: 30-01-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Continuação da aula anterior. Início da preparação da peça: “Pompeii”.
--	---------------------	---	--

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<p><u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u></p> <p><u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u></p> <p><u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u></p> <p>Subdomínio - Criação e Experimentação:</p> <p><u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u></p>	<p>O aluno improvisa e compõe secções rítmicas;</p> <p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>Os alunos cantam em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia <p>Altura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Altura indefinida e definida; -Registos: Agudo, Médio e Grave. - Melodia. <p>Forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Imitação <p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mistura tímbrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual; - Cantar em grupo; - Movimento através da música; - Noções rítmicas; - Linguagens e Textos; - Pensamento crítico e Pensamento criativo; - Raciocínio e resolução de problemas; - Consciência e domínio do corpo. 	<p>O professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) escreve o sumário (5min); b) Exercício de movimento corporal (10 min); c) Correção do trabalho de casa(15min); d) Introduz as respetivas pausas, em frases rítmicas, exercitando com eles, de forma criativa; (30min.) e) Início da preparação da peça: “Pompeii” (30min.) 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores; - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula e guitarra. <p>Musica:</p> <p>Pompeii- Bastille</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>



5.º Ano

PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 5.º A	Data: 06-02-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Compassos Simples. Preparação da peça: “Pompeii”.
---	--------------	---	---

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u> <u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u> <u>Subdomínio - Criação e Experimentação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u>	<p>O aluno improvisa e compõe secções rítmicas;</p> <p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>Os alunos cantam em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia <p>Altura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Altura indefinida e definida; <p>-Registos:</p> <p>Agudo, Médio e Grave.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melodia. <p>Forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Imitação. <p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mistura tímbrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual; - Cantar em grupo; - Movimento através da música; - Noções rítmicas; - Linguagens e Textos; - Pensamento crítico e Pensamento criativo; -Raciocínio e resolução de problemas; -Consciência e domínio do corpo. 	<p>O professor:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Escreve o sumário (5min); b) Exercício de movimento corporal (10 min); c) Correção do trabalho de casa(15min); d) Introduz o conteúdo programático: “compassos simples”. Exercita com os alunos de forma criativa. (30min.) e) Trabalha, com os alunos, a letra e a melodia da peça: “Pompeii” (30min.) 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores; - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula e guitarra. <p>Música:</p> <p>Pompeii- Bastille</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>



5.º Ano

PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 5.º A	Data: 13-02-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Escala de Dó Maior. Continuação da preparação da peça: “Pompeii”.
---	--------------	---	--

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u> <u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u> <u>Subdomínio - Criação e Experimentação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u>	<p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>O aluno canta a solo e em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia <p>Altura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Altura indefinida e definida; <p>Registos:</p> <p>Agudo, Médio e Grave;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escala Maior; - Melodia. <p>Forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Imitação; -Motivo. Frase; -Forma binária. <p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mistura tímbrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual; - Cantar em grupo; - Movimento através da música; - Noções rítmicas; - Linguagens e Textos; - Pensamento crítico e Pensamento criativo; -Raciocínio e resolução de problemas; -Consciência e domínio do corpo. 	<p>O professor:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Escreve o sumário (5min.); b) Correção do trabalho de casa (10 min.); c) Exercício de entoação (15 min.); d) Expõe a escala de Dó Maior (15 min.); e) Trabalha, com os alunos, em grupos distintos a peça: “Pompeii” (25 min.); f) Trabalha com toda a turma, a mesma peça. (20 min.). 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores; - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula, teclado e guitarra. <p>Música:</p> <p>Pompeii- Bastille</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>

Pompeii

The musical score for 'Pompeii' is written for six instruments in a 4/4 time signature with a key signature of one sharp (F#). The score is organized into six staves, each with its instrument name on the left. The Flauta and Xilofone alto parts play a melodic line starting with a quarter rest, followed by a quarter note G4, and then a series of eighth notes: A4, B4, C5, B4, A4, G4, F#4, E4, D4, C4. The Metalofone alto and Xilofone baixo parts play a harmonic accompaniment, starting with a quarter rest, followed by a quarter note G4, and then a series of eighth notes: A4, B4, C5, B4, A4, G4, F#4, E4, D4, C4. The Pandeireta and Claves parts are marked with a 4/4 time signature and a single bar line, indicating they are not played in this section.

Flauta

Xilofone alto

Metalofone alto

Xilofone baixo

Pandeireta

Claves

Pompeii – Bastille (5º Ano)

I was left to my own devices
Many days fell away with nothing to show

And the walls kept tumbling down
In the city that we love
Grey clouds roll over the hills
Bringing darkness from above

**But if you close your eyes
Does it almost feel like
Nothing changed at all?
And if you close your eyes
Does it almost feel like
You've been here before?
How am I gonna be an optimist about this?
How am I gonna be an optimist about this?**

I was left to my own devices
Many days fell away with nothing to show

And the walls kept tumbling down
In the city that we love
Grey clouds roll over the hills
Bringing darkness from above

**But if you close your eyes
Does it almost feel like
Nothing changed at all?
And if you close your eyes
Does it almost feel like
You've been here before?
How am I gonna be an optimist about this?
How am I gonna be an optimist about this?**

Oh where do we begin?
The rubble or our sins?
Oh where do we begin?
The rubble or our sins?

And the walls kept tumbling down
In the city that we love
Grey clouds roll over the hills
Bringing darkness from above

**But if you close your eyes
Does it almost feel like
Nothing changed at all?
And if you close your eyes
Does it almost feel like
You've been here before?
How am I gonna be an optimist about
this?
How am I gonna be an optimist about
this?**



6.º Ano

PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 6.º A	Data: 31-01-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Continuação da aula anterior. Início da preparação da peça: “The Lazy Song”.
--	---------------------	---	---

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u> <u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u> Subdomínio - Criação e Experimentação: <u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u>	<p>O aluno improvisa e compõe secções rítmicas;</p> <p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>Os alunos cantam em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia <p>Altura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Altura indefinida e definida; -Registos: Agudo, Médio e Grave. - Melodia. <p>Forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Imitação <p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mistura tímbrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual; - Cantar em grupo; - Movimento através da música; - Noções rítmicas; - Linguagens e Textos; - Pensamento crítico e Pensamento criativo; - Raciocínio e resolução de problemas; - Consciência e domínio do corpo. 	<p>O professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) escreve o sumário (5min); b) Exercício de movimento corporal (10 min); c) Correção do trabalho de casa(15min); d) Introduz as respetivas pausas, em frases rítmicas, exercitando com eles, de forma criativa; (30min.) e) Início da preparação da peça: “The Lazy Song” (30min.) 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores; - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula e guitarra. <p>Musica:</p> <p>The Lazy Song – Bruno Mars</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MIGUEL TORGA - BRAGANÇA
EDUCAÇÃO MUSICAL – 2º CICLO

 DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE
 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS EMÍDIO GARCIA
 CÓDIGO 151816

6.º Ano
PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 6.º A	Data: 07-02-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Compassos Simples. Preparação da peça: “The Lazy Song””.
---	--------------	---	--

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<p><u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u></p> <p><u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u></p> <p><u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u></p> <p><u>Subdomínio - Criação e Experimentação:</u></p> <p><u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u></p>	<p>O aluno improvisa e compõe secções rítmicas;</p> <p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>Os alunos cantam em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos: - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia.</p> <p>Altura: - Altura indefinida e definida; - Registos: Agudo, Médio e Grave; - Melodia.</p> <p>Forma: - Imitação.</p> <p>Timbre: - Mistura tímbrica.</p>	<p>- Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual;</p> <p>- Cantar em grupo;</p> <p>- Movimento através da música;</p> <p>- Noções rítmicas; - Linguagens e Textos;</p> <p>- Pensamento crítico e Pensamento criativo;</p> <p>- Raciocínio e resolução de problemas;</p> <p>- Consciência e domínio do corpo.</p>	<p>O professor:</p> <p>a) Escreve o sumário (5min);</p> <p>b) Exercício de movimento corporal (10 min);</p> <p>c) Correção do trabalho de casa(15min);</p> <p>d) Introduce o conteúdo programático: “compassos Simples”. Exercita com os alunos de forma criativa. (30min.)</p> <p>e) Trabalha, com os alunos, a letra e melodia da peça: “The Lazy Song”. (30min.)</p>	<p>Humanos: - Professores; - Alunos.</p> <p>Materiais: - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula e guitarra.</p> <p>Música: The Lazy Song – Bruno Mars</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>



6.º Ano

PLANIFICAÇÃO

2018/ 2019

Professor: Carlos Alves/Gil Alves Cooperante: Maria Lurdes Supervisora: Isabel Castro	Turma: 6.º A	Data: 14-02-2019 Hora: 10:20/11:50	Sumário: Escala de Dó Maior. Continuação da preparação da peça: “The Lazy Song”.
---	--------------	---	--

Domínios e Subdomínios de aprendizagem (com base das metas de aprendizagem do 2º ciclo)	Competências Específicas	Conceitos - Conteúdos	Competências Essenciais	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação</u> <u>Subdomínio - Interpretação e Comunicação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Desenvolvimento da Criatividade</u> <u>Subdomínio - Criação e Experimentação:</u> <u>Domínio:</u> <u>Compreensão das Artes no Contexto</u>	<p>O aluno toca sozinho e em grupo, em compasso simples, em instrumento convencional na interpretação de música instrumental.</p> <p>O aluno canta a solo e em grupo, uma melodia, em compasso simples;</p> <p>Os alunos interpretam frases e secções rítmicas, em compasso simples;</p>	<p>Ritmos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsação; - Tempo; - Monorritmia <p>Altura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Altura indefinida e definida; <p>Registos:</p> <p>Agudo, Médio e Grave;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escala Maior; - Melodia. <p>Forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Imitação; -Motivo. Frase; -Forma binária. <p>Timbre:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Mistura tímbrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática instrumental em sala de aula em grupo e individual; - Cantar em grupo; - Movimento através da música; - Noções rítmicas; - Linguagens e Textos; - Pensamento crítico e Pensamento criativo; -Raciocínio e resolução de problemas; -Consciência e domínio do corpo. 	<p>O professor:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Escreve o sumário (5min.); b) Correção do trabalho de casa (10 min.); c) Exercício de entoação (15 min.); d) Expõe a escala de Dó Maior (15 min.); e) Trabalha, com os alunos, em grupos distintos a peça: “The Lazy Song” (25 min.); f) Trabalha com toda a turma, a mesma peça. (20 min.). 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores; - Alunos. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Computador - Colunas - Instrumentos: corpo humano, voz humana, instrumentos de sala de aula, teclado e guitarra. <p>Música:</p> <p>The Lazy Song- Bruno Mars</p>	<p>Realizada nas vertentes formativa, sumativa e contínua, com base na observação direta, trabalho teórico e prático (instrumental; vocal e coreográfico) ao longo de todo o ano.</p>

The Lazy Song

Refrão

The musical score is for the chorus of 'The Lazy Song'. It is written in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). The score consists of five staves: Flauta, Metalofone alto, Bass Metallophone, Pandeireta, and Claves. The Flauta part has rests for the first three measures and then plays a melodic line in the last four measures. The Metalofone alto part plays a steady eighth-note accompaniment throughout. The Bass Metallophone part provides a harmonic accompaniment with chords. The Pandeireta and Claves parts are marked with rests, indicating they are silent during this section.

Flauta

Metalofone alto

Bass Metallophone

Pandeireta

Claves

The Lazy Song - Bruno Mars (6° Ano)

**Today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like pickin up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything**

I'm gonna kick my feet up, then stare at the fan
Turn the Tv on, throw my hand in my pants
Nobody's gonna tell me I can't
(Naahh)
I'll be lounging on a couch, just chillin in my snuggie
Click to Mtv so they can teach me how to Douggie,
'Cause in my castle I'm the freakin man

Oooh
Yes I said it
I said it
I said it 'cause I can!

**Today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like pickin up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything
(Nothing at all)**

I'm gonna kick my feet up, then stare at the fan
Turn the Tv on, throw my hand in my pants
Nobody's gonna tell me I can't
(Naahh)
I'll be lounging on a couch, just chillin in my snuggie
Click to Mtv so they can teach me how to Douggie,
'Cause in my castle I'm the freakin man

Oooh
Yes I said it
I said it
I said it 'cause I can!

**Today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like pickin up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything**